



XXII ENCONTRO NACIONAL - PROGRAMAÇÃO

TEMA: AMAZÔNIA: NOVAS ESPERANÇAS PARA UMA IGREJA RENOVADA E A CONTRIBUIÇÃO DO MFPC

LOCAL: CENTRO DE CAPACITAÇÃO LAURA VICUÑA – CASA MORENESE

Dia 03/07/2019- Quarta-feira

A partir das 12h – recepção, acomodação dos participantes nos quartos, credenciamento e distribuição do material do encontro.

19h – jantar

20h – Abertura Oficial

Boas vindas do Coordenador do Encontro Nacional (Grupo Manaus) 15 min

Palavra do Presidente do MFPC (Coordenação Nacional) 15min

Apresentação dos Grupos por Estado e por Nação (sugestão entrega de doces regionais)

21h00 - Manifestação cultural

22h - Encerramento

Dia 04/07/2019 – Quinta-feira (responsáveis: grupo Minas Gerais e Brasília)

07h30 – café da manhã

8h30 – momento de espiritualidade (capela)

09h00 – 1ª Mesa: Discursão do sínodo para Amazônia (falta indicar os expositores)

Coordenação da Mesa:

10h30 – Debate

11h15 – 2ª Mesa Redonda A contribuição do Leigo na ação Pastoral da Igreja

11h45 – Debate

12h30 – almoço

14h00 – Tempo livre - City tour

17h00 – Lanche

19h00 – jantar

Dia 05/07/2018 – Sexta-feira (responsáveis: grupo Maranhão e Manaus)

07h30 – café da manhã

08h30 – momento de espiritualidade (capela)



09h – 3ª Mesa: Perfil dos grupos do MFPC no Brasil (a ideia é compartilhar a realidade de cada grupo)

Coordenação de Mesa: (sugestão de coordenação: João Tavares)

10h30 – Debate

11h00 – Momento com os jovens

12h00 – almoço

14h00 – 4ª Mesa: A participação da mulher no MFPC (Seria bom uma mulher apresentar uma reflexão)

Coordenação da Mesa: (sugestão Sofia Tavares)

15h00 – Debate

15h30 – Comunicações/encaminhamentos para a assembleia Rumos

16h00 – Lanche

17h00 - Tarde de autógrafos e sorteio de algumas obras

18h00 - tempo livre

19h30 – jantar romântico/dançante e bingo

Dia 06/07/2018 – Sábado (responsáveis: grupo Santa Catarina e Paraná)

07h30 – café da manhã

08h – momento de espiritualidade (capela)

09h00 – Passeio ao encontro das águas

19h00 – jantar

Dia 07/07/2019 – Domingo (responsáveis: grupo Pernambuco e Bahia)

07h30 – café da manhã

08h00 – Assembleia Rumos

10h45 – intervalo e entrega de avaliações

11h00 – celebração de encerramento

12h00 - almoço e despedida

FICHA PESSOAL DE INSCRIÇÃO

Nome: Sexo F () M ()

Nascimento...../...../..... Número do RG.....

Endereço: Rua..... Número.....

Complemento.....

Bairro:..... Cidade:..... Estado.....

PAÍS.....CEP:.....

Tel. Residencial: () Cel. ().....

E-mail.....

Data e horário da entrada _____

Data e horário da Saída _____

Inscrição com hospedagem/ alimentação / jantar dançante? ()

Tipo de quarto? Individual () Duplo () Casal ()

Inscrição com alimentação e jantar dançante sem hospedagem ()

Participante acompanhado de criança até 2 anos de idade? Sim () Não (). Crianças de 3 a 5 anos paga metade do valor da alimentação.

Participa do grupo do MFPC em sua Cidade/Estado/País? Sim () Não ()

Já participou de Participou de outras edições do Encontro Nacional do MFPC? Sim () Não ()

Participa de algum movimento/Pastoral da Igreja? Não () Sim () qual?.....

Atividade laboral que exerce atualmente

HOMENS CASADOS PODERIAM SER PADRES

Os povos indígenas desfrutam a vida mais do que qualquer outro ser humano, diz o padre Alberio Riascos, missionário colombiano que trabalha no Vicariato do Puyo, no Equador. O religioso pertence à Congregação dos Missionários Xaverianos de Yurumal, ele vê aqueles com quem ele vive como pessoas que se preocupam em “desfrutar a cada momento”.

Ser missionário em uma comunidade indígena é, acima de tudo, “compartilhar a vida cotidiana”, que na opinião do padre Alberio, “me faz sentir uma irmandade muito bonita com eles”. Ao mesmo tempo, reconhece que essa presença, que é o que os povos indígenas mais pedem, não é fácil de realizar, dado o pequeno número de sacerdotes na Amazônia.

Uma das possibilidades, segundo o missionário, é que “pode ser o caso de



algumas pessoas casadas, que têm um bom casamento, que podem ser padres em sua comunidade”. Junto com isso, ele vê como algo necessário “que as mulheres tenham mais destaque nos ministérios”, porque na verdade as mulheres têm um papel fundamental nas comunidades indígenas. Nesse sentido, o missionário afirma que as mulheres “dão o melhor de si para construir o Reino de Deus em sua comunidade”.

Luis Miguel Modino



Editorial

Amigas e amigos leitores do Jornal Rumos.

Aproxima-se o grande evento do MFPC: o XXII Encontro Nacional, em Manaus AM, nos dias 3 a 7 de julho. Vocês leitores podem ler na capa do jornal (pág. 01) as notícias sobre programação e ficha de inscrição pessoal, que os organizadores de Manaus aguardam. E na contracapa (pág. 16) preços.

Já compraram as passagens? Em geral, quanto antes se compram, mais baratas são.

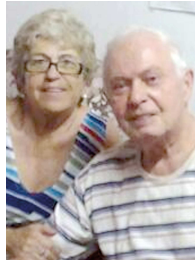
Esta 259ª edição do nosso jornal já é a 2ª sem o jornal impresso. É uma pena, mas é uma necessidade, em vista que a maioria dos que recebiam o jornal im-

presso não pagava a anuidade de 50,00 (ou 150,00 como sócios).

Esta é, também, a penúltima edição editada por mim. Em Manaus entregarei este encargo, que assumi por 14 anos. Meus quase 89 anos de idade pedem aposentadoria...

No mais, saúde, paz e amor para todos nós!

Gilberto editor (com Antônio Müller)



Carta do Presidente aos leitores

Carta do Presidente

Caros amigos e amigas do Movimento das Famílias dos Padres Casados.

Pensei, nesta carta, compartilhar um pouco o desafio e, sobretudo, de uma espiritualidade conjugal.

O Santo Padre em sua Exortação Apostólica sobre as famílias propõe uma fecunda e sólida espiritualidade. O desejo do Pontífice é sempre mais estreitar os laços entre os esposos e fazer com que a família seja um lugar de misericórdia e, sobretudo, onde o amor seja o critério de tudo, quando os dois devem estar unidos em oração e em harmonia com o divino.

Neste contexto de proximidade surge a necessidade de fomentarmos a espiri-

tualidade conjugal como uma excelente ocasião de nos aproximarmos um do outro, e os dois conjuntamente do Senhor, o qual nos conduz à santidade matrimonial.

Ressalto que estamos nos aproximando do XXII Encontro Nacional do MFPC, em julho, quando teremos a oportunidade de testemunharmos nossas experiências pastorais e nossa vida conjugal.

Abraço a todos



**Aila e Antonio
Presidentes do MFPC**

CELIBATO CLERICAL OBRIGATÓRIO?

O celibato para ser “virtude” deve basear-se na liberdade, que não pode ser estratificada em nenhum momento da vida. O fato histórico, não contínuo ou lealmente observado do “celibato compulsório” não constitui argumento teológico ou legal. E cabe aqui o seguinte:

É lícita e válida a proibição ilimitada de exercer o ministério ao sacerdote casado sacramentalmente pela Igreja e reduzido ao estado leigo?

Esta é a minha verdadeira postura sa-

cerdotal: tal proibição, como exposta acima, não é apenas ilícita em termos teológicos e legais, mas é insanavelmente nula de pleno direito. Creio com toda a minha alma em Jesus que veio para salvar com a lei... à margem da lei... e contra a lei dos homens. “Sábado é para o homem e não o homem para o sábado”. Christus dixit.

Exposição Argumentada.

Uma vez que a ordem sagrada é um sacramento que “imprime caráter”, e que a ordem é para o exercício minis-

terial específico, por direito divino não pode ser suprimida para sempre por qualquer autoridade.

O poder eclesiástico legítimo só pode regular o exercício e até mesmo limitá-lo e suspendê-lo temporariamente por causas determinadas explicitamente pela mesma lei canônica.

Ali, não é tipificado o caso de uma pessoa ordenada que acede ao matrimônio “com a dispensa da Santa Sé”. Sendo toda a lei criminal de interpretação estrita, vê-se claramente que a ilegalidade e até mesmo a ilegalidade do “sine die” proíbem (para sempre) o ministério sacerdotal dos padres casados. Mas há outro forte argumento mais contundente: toda a pena se relaciona a um crime, e quanto maior a pena, maior deve ser o crime. Bem, cadê o crime por tanta pena?

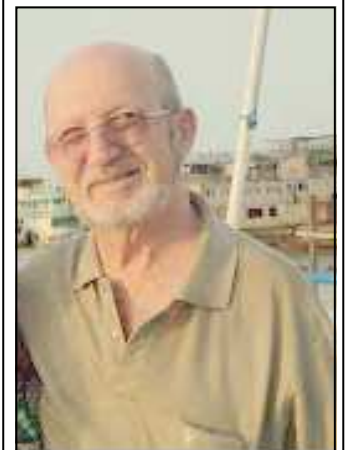
Se a Santa Sé autoriza a recepção de um sacramento, não pode basear em tal recepção a penalidade da inabilitação ministerial.

Seria admitir subliminarmente que, apesar da autorização de Igreja, e apesar de que se trata da recepção de sacramento, tal ação não apaga a “iniquidade” de renunciar ao celibato... Quem assim pensasse estaria muito próximo à heresia.

Conclusão: Eu acho suficientes estas razões para o leitor se preocupar em pensar seriamente, se ele é um crente católico. A Igreja do Vaticano II é a do povo de Deus. Todos, clérigos e leigos devemos contribuir para tornar credível a nossa fé, esperança e amor.

Pe. José Amado Aguirre

LIVRO “QUEBRANDO O SILÊNCIO - UM RELATO VIVENCIAL DO PADRE CASADO E A ESPOSA”



Claudete e eu, Geraldo, apresentamos no mês de junho último o nosso livro “QUEBRANDO O SILÊNCIO – um relato vivencial”. O livro foi escrito por nós dois, seguindo uma reflexão em conjunto sobre o assunto que diz respeito à vida do casal.

O livro poderá ser adquirido (30 reais), fazendo contato por e-mail:

geraldof99@gmail.com



Expediente

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.



Associação Rumos

Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:

Presidente da AR - *Antônio Evangelista de Andrade*

Vice-Presidente da AR - *Lusimar de Deus Osni*

Tesoureira: *Joelma dos Santos Galvão*

Secretária: *Maria Vanderlena Torquato Lenira*

Moderador do e-grupo padrecasados: *João Correia Tavares*

Coordenadores do site www.padrecasados.org: *João Correa Tavares*

e *Antonio Evangelista, com a ajuda estética e técnica de Giba e seu filho Marco Gonzaga*

Coordenadores do Grupo dos jovens: *José E. Rolim Mota e Rejane*

Novo e-mail do MFPC: mfpccrums@gmail.com

E-mail para enviar matérias para o site: tavaresj@elointernet.com.br

Representante internacional: *João Correa Tavares e Sofia*

Coordenador da comissão de teologia:

Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken

Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR:

Antônio Evangelista Andrade

Assessores bíblico-teológicos:

Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken

Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: *Telma Araújo de Oliveira Spagnolo, Sônia Maria Salviano Matos de Alencar, Jorge Ponciano Ribeiro*

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: *Gilberto Luiz Gonzaga*

Assessoria: *Antônio Müller*

Diagramação: *Rodrigo Maierhofer Macedo*

Jornalista Responsável: *Gilberto Luiz Gonzaga*

Correspondência: artigos, comunicações, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Florianópolis SC, fone 47-9-9983-5537

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual do Jornal Rumos eletrônica: R\$ 50,00 (cinquenta reais)

Pagamento pela Agência: 1004-9 do Banco do Brasil, Conta Corrente 7402-0 - Nome: Associação Rumos

Comunique imediatamente ao nosso Presidente: *Antonio Evangelista Andrade*
Email: aandrade1956@gmail.com

Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (138,00 + 12,00 para Fundo de mútua ajuda); Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário acima

Caro Gilberto, grato pelo envio de "RUMOS", como sempre bem cuidado, editado e com boas reflexões.

Quero perguntar se poderia enviar pequeno texto a respeito de nosso livro "QUEBRANDO O SILENCIO"! para publicação no próximo número de "RUMOS".

O nosso principal propósito foi de levar a um diálogo a respeito da temática por nós abordada.

O próximo número sai quando?

Aguardando sua resposta, desejo tudo de bom para você e sua família. Abraço.

Geraldo Frencen
geraldof99@gmail.com

Gracias, Gilberto. En hora buena el boletin.
Saludos.

Olga Lucia Alvarez
olalbe@gmail.com

Oi Giba, Boa Tarde! Recebi o RUMOS. Dei uma olhada rápida, e parece-me que, como sempre, está ótimo, e não poderia ser diferente.

Estou aqui tentando engolir, quase vomitando com as sandices políticas de alguns colegas, aqueles que bem conhecemos. Fico me perguntando como é possível existir indivíduos de cabeça tão confusa e entendimento tão curto, como esses. Com certeza não conseguem administrar os próprios conflitos, se, em situações políticas, claramente polarizadas, mas claras, como as que estamos vivendo, não sabem fazer uma crítica objetiva isenta de paixões absurdas e bobas. Não conseguiria viver com pessoas tão limitadas assim. Enfim, é a vida! Vamos em frente.

Grande abraço. Jose Lino no Facebook
joselinodearaujo@gmail.com

Magnífica la revista vuestra. Muy bien presentada, con muchas fotos y artículos muy interesantes. Os felicito

Saludos a todos de un compañero de MOCEOP de España:

Juan Cejudo Caldelas
jucecalomatic591@gmail.com

Pelo bom trabalho até hoje prestado: contem conosco.

Família Orth - Nelci Ritter.
nelciritter@gmail.com

Muito obrigado pelo excelente trabalho editorial na publicação do Rumos.

Saudações e adelante!

P. Jaime C. Patias
jcpatias@hotmail.com

Muchas gracias por este Jornal 257 bien extenso y bien lleno de noticias.

Abraço fraterno para Sofia y para vos

Orlando y Chiqui
orlandormartin@gmail.com

Boa tarde. Obrigada por enviar-nos o Rumos.

Peço que continue sempre nos enviando por este e-mail.

Deonira Lúcia e Jorge
deoniralucia@gmail.com

Estimados Hermanos

Gracias por vuestro importante envio de Jornal Rumos, de mucho interés.

Mário Mullo
mariomullo@yahoo.com

Recebi e li nossos Rumos na edição impressa e no computador. Vocês vêm fazendo excelente trabalho para Igreja e peço a Deus que continuem. Não demora chegar o momento de Deus para que a Igreja de Jesus Cristo entenda que sacerdócio é carisma, dado por Deus a quem Ele quer, sem exigir condições. O que importa é o anúncio do Reino de Deus, no mundo "positus in maligno". Até breve, monsenhor Pedro Terra Filho, BH.

Mons. Pedro Camilo Telles
pedrocamilotelles@gmail.com

Gilberto Gonzaga, parabéns pelo seu trabalho à frente do Jornal RUMOS.

Agradeço a atenção em sempre publicar meus artigos em prol de nosso conhecimento e da comunidade cristã MFPC.

Fico no aguardo das próximas edições do Jornal Rumos MFPC.

In corde Jesu

Clovis Antunes C. de Albuquerque
c_antunes30@hotmail.com

Oi, Giba, os erros sempre acontecem e é sempre bom um rever o trabalho do outro.

Para quem escreve é mais difícil perceber por já saber o assunto e aí os olhos passam por cima. Recebi as cópias impressas.

No mais um grande abraço e até o próximo.

Vi umas críticas do André e concordo com ele. Tem alguns assuntos que temos batido muito, mas dependemos, também, de que nos mandem artigos. Há pouca colaboração.

Eu poderia escrever mais sobre economia, mas aí dizem que eu escrevo demais, como já aconteceu.

Assim ficamos numa saia justa. Mas vamos levando.

Um abraço,

Antônio Müller
mulleramisa@gmail.com

Homenagem



Padre Mariano Callegari completa 60 anos de vida sacerdotal.

Será em 30 de novembro deste ano. Nasceu em 27/04/1932. Natural de Monte Bérico RS. Especializado na Faculdade em Parapsicologia SP. E também no Ibrades RJ. E ainda Psicologia Religiosa no RS. Colaborou em alguns jornais. Atualmente, com 87 anos, reside numa casa de padres idosos, em Caxias do Sul RS.

Eu da redação do Jornal Rumos e o MFPC parabenizamos nosso irmão sacerdote.

Gilberto, paz e bem. Agradeço o jornal impresso. Está ótimo e rico em assuntos. Pergunto-me pelas notícias como o Papa vai caminhar no meio de tantas situações críticas. O mesmo Cristo com tantas legislações criadas através da história criaram um lixão que cria mais confusões psicológicas e psiquiátricas do que pecado, por confundir a consciência. De fato o pecado é criado pelo homem no orgulho de sua segurança no poder. A VIDA DE Jesus aparece tão simples.

Lamento que o Jornal Rumos impresso desapareça. Gilberto obrigado e abraços com um Feliz Natal e boa entrada no Novo Ano 2019.

Alcino Camata
acamatta@uol.com.br

Prezado Giba, o jornal trouxe muitos artigos bons. Parabéns.

Mas quero comentar.

Atualmente a Igreja chora humilhada, e o Papa profundamente triste, dispensa de suas funções, bispos e padres, por causa de comportamentos inadequados, e o Jornal Rumos (nº257) os apresenta na seção de humor, para divertir ou fazer rir.

Já reclamei uma vez desse tipo de humor. É falta de criatividade reparar sempre o mesmo tema. A revista Ultimato tem demonstrado mais respeito pelos sacerdotes do que o Jornal Rumos!

Quo usque tandem, abutere, Catilina, patientia nostra? Quam diu etiam furor iste tuus nos eludet? Quem ad finem sese iactabit audacia?

Onofre Menezes
onofre.menezes@bol.com.br

OBS: Querido amigo, você é 1 que desaprova, contra 99 que aprovam. Cuido para publicar humores leves. Abraço do Editor Gilberto

Gilberto! Inicialmente um grande ano de 2019 para você, Aglécia e para os seus. Em seguida nossos agradecimentos pelo carinho de editar o Jornal e nos encaminhar cada edição. Deus lhe recompense. Não esqueça de que vindo a Foz há uma casa de portas abertas e será uma alegria recebê-los. Nosso abraço. Armando e Altiva

Armando Holyszewski
armando_holyszewski@yahoo.com.br

Amigos e colegas. Giba postou no nosso site www.padrescasados.org a edição 258 de nosso jornal Rumos. Como de costume, está muito bom, nas 16 páginas ricas e bem diagramadas e ilustradas com boas fotos.

João Tavares
jtavares@internetel.com

Estimado "GIBA": Desculpe não ter ainda agradecido! Queria fazê-lo depois de ler atentamente, pelo menos, alguns artigos. Ainda não o fiz! Mas houve um que me "saltou" logo e me agradou tanto: "Bispo faz história e nomeia uma mulher para coordenar uma paróquia". Um abraço.

Urtélia
secretariado.fraternitas@gmail.com

Hola Gilberto, muchas gracias por el nuevo número de Rumos. ¡¡Muy bueno!!

Abraço

Orlando
orlandormartin@gmail.com

Gilberto, saudações. Agradeço o jornal Rumos. Gostei. Teve ótimos artigos. Eu demorei responder sua comunicação porque passei uns dias no hospital. Os 90 anos pesam um pouco e mais ainda que minha esposa tem, como você já sabe, Alzheimer. Tenho cuidadoras, mas o sacrifício sempre pesa. Mas Deus me contempla com forças para levar a vida com disposição. Lamento ver o Papa Francisco com tantas barreiras. Não vejo a vida de Jesus com tanta dureza e com tantas leis que ele mesmo combateu contra os fariseus. Eles estão de volta na maioria do nosso episcopado. Parece que se criaram com o tempo, grandes grupos e fariseus. Gilberto, estou esperando meu filho para enviar a minha contribuição para Rumos. Abraços.

Alcino Camata
acamatta@uol.com.br

Caro Gilberto, ti scrivo in italiano, che Tu comprendi bene, per non fare errori in portoghese. Ho approfittato del viaggio in Salvador di un mio amico, per inviarte e saldare il mio debito per J.RUMOS. Sono 150,00 reais. Dall'Italia non m'è stato possibile perché mancavano quei dati per la banca che ti avevo chiesto. Colgo l'occasione per salutarTi caramente e porgerTi i migliori AUGURI, unitamente ai tuoi familiari.

Orlando Testi da Cesena - Italia.
orlando.testi@alice.it

CARTA ABERTA AO PAPA FRANCISCO



Querido Papa Francisco: como Presidente da Federação Latinoamericana dos sacerdotes casados me dirijo a sua pessoa por suas últimas declarações manifestando que não está de acordo com o celibato opcional. Frente a esta declaração estamos surpreendidos, como tantos irmãos nos-

sos, porque desde que está em seu pontificado tem sido, através de suas declarações, uma luz de esperança, donde se abria a porta da Igreja a um novo câmbio primaveral sobre o tema do celibato opcional, isto nos decepciona.

Nós, os sacerdotes casados e suas famílias, não estamos dispostos a baixar os braços. Temos uma fé esperançosa cheia de amor.

Sonhamos com uma nova imagem de Igreja onde se acolham com fraternidade os sacerdotes casados nas comunidades cristãs.

Papa Francisco, com todo respeito, necessitamos de uma Igreja mais humanizada, que atue com mais sentido e critério comum.

Por outra parte necessitamos escutar a comunidade de batizados, os leigos, escutá-los para sentir qual é a vontade de Deus. Não só dialogar com a hierarquia, bispos e sacerdotes; todos somos

parte de uma mesma Igreja, de um mesmo Senhor, uma só fé.

Padre Francisco, necessitamos dialogar sem hipocrisias, com sinceridade, com transparência, sem confrontação.

Em definitivo: atuar com o que pregamos.

O Senhor nos diz: "Ide por todo o mundo e anunciai o evangelho".

Disse a homens casados. Significa que há que caminhar superando os obstáculos do caminho. O importante é evangelizar sejamos casados ou não.

Desejamos e esperamos que não nos deixe sós, que nos tome em conta; não perdemos a esperança que lhe havíamos posto.

Rezamos por sua pessoa, por sua saúde, para que o Senhor lhe dê as forças necessárias para dirigir nossa Igreja.

Sebastián Cózar e Juanita Hernández
Presidentes da Federação Latinoamericana dos sacerdotes casados.

San Carlos (Chile) 05/02/2019

LOMBARDI ANUNCIA A CRIAÇÃO DE UMA "FORÇA-TAREFA" VATICANA

O moderador do encontro antiabusos, Federico Lombardi, anunciou que, com a aprovação do Papa, será instituído um grupo multidisciplinar de especialistas. Além disso, confirmou a publicação de um vade-mécum para os bispos de todo o mundo e a publicação de um novo Motu Proprio sobre o assunto.

O papa Francisco aprovou a criação de um "grupo de especialistas" para ajudar as conferências episcopais em dificuldades de encarar estes temas, entre outras medidas propostas para os próximos meses na luta contra a pederastia, que respondem às medidas discutidas pelos 190 participantes

do encontro antiabusos que terminou hoje no Vaticano.

O moderador do encontro, Federico Lombardi, anunciou hoje em um encontro com a imprensa que está "a caminho" um vade-mécum para ajudar os bispos do mundo na luta contra a pederastia. Espera-se um novo decreto papal (Motu Proprio) sobre a proteção aos menores e pessoas vulneráveis, para reforçar a prevenção e a luta na Cúria romana e no Estado Cidade do Vaticano.

A terceira proposta que será concretizada depois da aprovação do papa Francisco, acrescentou Lombardi, será a criação de "um grupo de espe-



cialistas para ajudar as conferências episcopais em dificuldades de encarar estes temas".

Em seu discurso de encerramento, Francisco havia pedido

para adotar "todas as medidas necessárias" para "erradicar a brutalidade" da pederastia por parte dos sacerdotes, ao concluir um encontro de quatro dias com

o qual a Igreja busca marcar um "ponto de não retorno" na luta aos ataques sexuais a menores de parte de membros do clero.

Hernán Reyes

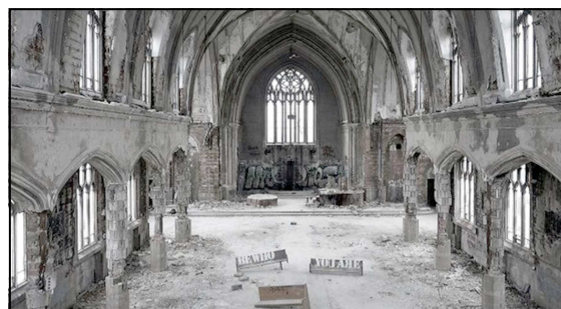
A IGREJA EM TEMPOS DE DESOLAÇÃO E PURIFICAÇÃO DO DESCRÉDITO

Não me recordo em toda a minha vida, que já é longa, passar por um período de desolação na Igreja tão forte quanto o que estamos vivendo. Senti a vocação em uma época nacional-católica, onde a Igreja era intocável. Além disso, era bem-visto ser sacerdote e religioso e a sociedade protegia com excesso, a partir do status quo, tudo o que significava Igreja. Tiveram que vir a revolução de renovação do Vaticano II e a crise posterior, onde a "creche adulta" explodiu e se estreou a liberdade e o retorno à autenticidade do Evangelho. Mas, mesmo naquela época de dispersão e deserções, o interesse pela religião se tornou espetacular. Recordo quando os jornais dedicavam páginas inteiras ao florescimento da teologia, os editores polemizavam para publicar livros sobre essa temática e os novos líderes da fé ocupavam capas e programas de televisão.

Depois veio um período anô-

dino, quando com o advento da democracia, a secularização caminhava encurralando e purificando a fé, especialmente na Espanha, onde a Igreja perdeu um grande protagonismo. As notícias religiosas passaram para a segunda e terceira páginas e os bispos se tornaram um Guadiana informativo ao ritmo dos casos mais escandalosos ou dos conflitantes entre a Igreja e o Estado. Em minha opinião, esse não foi um tempo negativo, se levarmos em conta que em nosso país o protagonismo da Igreja havia sido excessivo e que era necessário restabelecê-lo nas pastorais das paróquias e na evangelização. Como toda a hibernação, ajudou a outro tipo de florescimento para o interior.

Agora, estamos em uma terceira e trágica etapa que poderíamos chamar de desolação e desprestígio. Nunca, nos tempos modernos, a Igreja havia passado por um purgatório como o presen-



te, em que a notícia escandalosa predomina de forma onipresente nos meios de comunicação e se abriu a caça aos padres e religiosos, sobretudo por abusos de pedofilia. Como uma bomba escondida que as forças ocultas da Igreja tentaram evitar que explodisse, esse peso explodiu de repente, de maneira espetacular. Com ele, levanta-se uma onda de imagem sombria, desde então, mas também obscurece o que de bom, serviço, entrega desinteres-

sada e amor autêntico continua se desenvolvendo na Igreja.

Felizmente, Deus nunca deixa de se preocupar com o seu rebanho e, ao mesmo tempo, suscitou na Igreja uma figura destacável, pela sua simplicidade, credibilidade e força, que é o Papa Francisco, cujo sexto ano de pontificado acabamos de celebrar. Ele não está apenas lutando, às vezes, contra forças adversas, para purificar a Igreja, como também ele próprio é um ícone midiático

que oferece esperança, inclusive àqueles que não têm fé.

É claro que o caminho da desolação será longo, porque resta muito a se descobrir, limpar, converter, ressuscitar. Porém, já se apontam alguns frutos: Primeiro, humildade, especialmente para uma hierarquia e um clero em que "se acreditou" e que abusou de seu poder e falso prestígio. Mas, também a confiança. Recordo de uma consoladora frase do padre Pedro Arrupe: "Nunca estivemos tão perto de Deus, porque nunca estivemos tão inseguros". Uma frase que se casa muito bem com outra de Santo Ignácio de Loyola, mestre de discernimento e que é especialmente válida para os tempos que correm: "Em tempos de desolação, não fazer mudança".

Nunca esqueçamos que o Evangelho nasce e cresce nos pequenos, no grão de trigo e mostarda e Deus prepara algo para o seu povo.

Pedro Miguel Lamet



DOM HELDER PODE SER BEATIFICADO DURANTE CONGRESSO

A Congregação para as Causas dos Santos emitiu o parecer favorável, autorizando o início do processo de beatificação, e Dom Helder recebeu o título de “Servo de Deus”. Após o reconhecimento de um milagre atribuído à sua intercessão, ele será proclamado Bem-Aventurado (Beato) pela Igreja. Posteriormente, se houver a comprovação de outro milagre, poderá ser proclamado santo e canonizado.

A expectativa é que a beatificação aconteça durante o Congresso Eucarístico. Em entrevista à rádio 9 de Julho, Monsenhor José Alberico, Secretário Geral do Congresso Eucarístico, informou que a fase diocesana está prestes a ser concluída [dia 16 de dezembro], após três anos da abertura do processo.

Ele falou também sobre a preparação para o Congresso que terá como tema “Pão em todas as mesas” e sobre o testemunho do Bispo. “Dom Helder foi um homem eucarístico. Sabemos o quanto ele vivia em ação de graças e fazia com que a Eucaristia fosse o centro de sua vida”, afirmou o

Monsenhor.

Antes da celebração eucarística que Dom Helder presidia pela manhã, ele acordava para rezar e se fortalecer diante do Santíssimo Sacramento. Ele mesmo chamava aqueles momentos de vigílias. “Minha única escravidão é o despertador, que me desperta para a vigília”, costumava dizer Dom Helder, que se levantava todos os dias em torno das 4h para rezar.

“É na vigília que se inicia a celebração da Eucaristia que se prolonga por todos os embates do dia. Pai, se possível continua a permitir que a Missa seja sempre a primeira. Seja preparada pela Vigília e se estenda ao dia inteiro”, afirmava Dom Helder.

Atualmente, o quarto onde dormia Dom Helder, anexo às dependências da Igreja das Fronteiras, em Recife (PE), pode ser visitado. O local é mantido pelo Instituto Dom Helder Câmara, que reuniu além de objetos pessoais, escritos e manuscritos do Bispo, reportagens e livros sobre sua vida e obra.

Nayá Fernandes



ECOLOGIA GLOBAL



A Encíclica do Argentino George Bergoglio, Papa Francisco, proclamando a defesa da Terra, nossa Casa Comum, merece ser lida e comentada por todas as pessoas de Boa Vontade, especialmente as Comunidades do Mundo Contemporâneo.

O Papa defende o equilíbrio dos Eco Sistemas para proteger as populações mais pobres. É um compêndio baseado em normas científicas proclamadas pelos Cientistas para uma Ecologia Integral.

Afirma que a velocidade que hoje impõem as ações humanas centrada com a lentidão natural da evolução biológica, não está orientada para o Bem Comum, tendo em vista a poluição, os resíduos e a cultura do descarte.

Lembra os resíduos afetando a to-

dos, causada pelo transporte, pela fumaça da Indústria, substâncias para a acidificação do solo e água, utilização de agrotóxicos, bio-degradantes, resíduos tóxicos e radioativos.

A espiritualidade do Papa Francisco recorda que o Ser Humano deve louvar a Deus, o Criador. Louvai o nome do Senhor por que Ele-Deus mandou. Existimos pelo poder de Deus. “O Amor de Deus é a razão fundamental de toda a Criação. Por isso a Igreja com sua Ação procura lembrar o dever de cuidar da Natureza, sobretudo proteger o Homem da destruição de Si Mesmo estabelecendo a relação entre TU-DEUS com o outro TU-HOMEM”...

Clovis Antunes

ESTÁ NA HORA DE A IGREJA CATÓLICA PARAR DE CANONIZAR PAPAS

Se a Igreja Católica quer ver o crescimento no discernimento que o Papa Francisco pediu em resposta à crise dos abusos sexuais, a instituição deve parar de canonizar papas.

A proclamação da santidade dos homens que são eleitos bispos de Roma pelo conclave dos cardeais é, ao mesmo tempo, antiga e recente. Dos primeiros 48 papas que morreram antes do ano 500, 47 são santos; metade deles eram mártires. A canonização dos papas que reinaram nos 15 séculos seguintes é rara.

A verdadeira mudança começou no século XIX com a “Romanização” ou “Papalização” do catolicismo e especialmente com o I Concílio Vaticano (1869-1870) e com a sua proclamação da primazia e infalibilidade papal. Isso produziu uma maneira de governar a igreja mais centralizada no papa, mas também uma devoção à pessoa do papa.

A crescente inclinação para canonizar os papas acelerou-se sob João Paulo II, que canonizou um número enorme de santos (incluindo muitos membros leigos, mulheres e pessoas casadas). Ele também encurtou o período de espera, de 50 anos após a morte do candidato antes que o processo de canonização fosse aberto, para cinco anos. Ele abriu mão do período de espera para a Madre Teresa de Calcutá. Quando João Paulo II morreu em abril de 2005, Bento

XVI também abriu mão desse período de espera para ele.

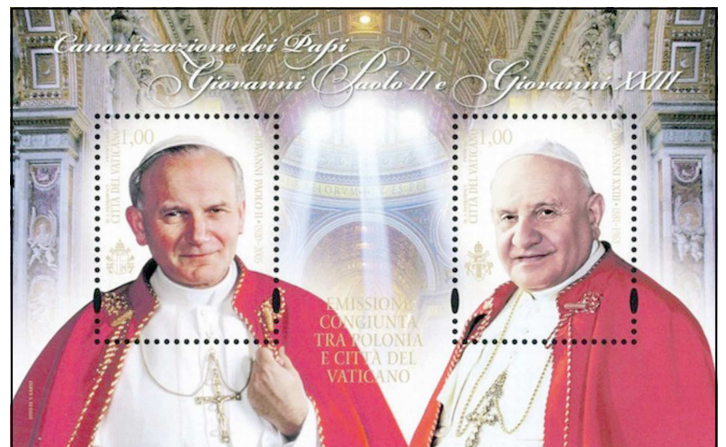
De 2000 a 2019, ocorreram as beatificações e canonizações dos três papas pós-Vaticano II (João XXIII, Paulo VI e João Paulo II). O processo de canonização de João Paulo I, que foi papa por apenas 33 dias, já está em andamento.

Durante o último século, começando com Pio X e sem contar Bento XVI e Francisco, houve oito papas. Metade deles já são santos. Os últimos três papas foram feitos santos quase em sequência.

A tendência inaugurada no século 20 tem que parar.

Uma razão é que canonização dos papas significa a canonização do papado por papas no Vaticano. O processo de canonização (tecnicamente, é um julgamento) costumava ser menos controlado pelo Vaticano, mas durante a Contra Reforma no século XVII a Cúria Romana tornou-se a principal responsável. Era uma época em que a canonização de papas era uma exceção.

Agora, o papado está canonizando a si mesmo sem um amplo discernimento de toda a igreja sobre a sabedoria de canonizar o papa. Isso pode ser visto como uma maneira de proteger o papado de um julgamento moral e histórico, algo como reforçar as alegações feitas pelo Vaticano I sobre o papado.



A segunda razão é o papel que a política da igreja desempenha na decisão de canonizar um papa.

A terceira razão tem a ver com a crise dos abusos sexuais do clero. Como o papado lidou com abusos sexuais do clero é uma questão controversa na igreja hoje e o será no futuro.

Recentemente houve apelos para descanonizar João Paulo II por causa da maneira como lidou com os abusos cometidos pelo clero e por causa da sua teologia sobre mulheres e sexualidade. Embora eu nunca me

tenha convencido da sabedoria de canonizar João Paulo II, ainda sou contra descanonizá-lo. Tal como para os papas apressadamente canonizados durante as últimas décadas, a decisão de descanonizar João Paulo II soaria tão política quanto decisão de canonizá-lo imediatamente após sua morte.

É necessário redescobrir a sabedoria dessa norma antiga, especialmente em relação à beatificação e canonização de papas. É também necessário para reduzir a mística do papado no catolicismo contemporâneo.

Massimo Faggioli

PADRES CASADOS ALEMÃES PEDEM ABOLIÇÃO DO CELIBATO OBRIGATÓRIO

Há mais de 40 anos atrás, a associação alemã de padres católicos e suas esposas (Vereinigung Katholischer Priester und ihrer Frauen, VKPF) tem como objetivo lutar contra a lei do celibato imposta aos diáconos casados, aos sacerdotes e aos bispos, com o desejo de aboli-la.

Fazemos isso porque aprendemos com a nossa própria experiência e com o diálogo com muitos afetados por essa lei, de qualquer orientação sexual, que uma vida sexual ativa para todos é uma necessidade existencial.

Sexo e prazer não se opõem ao serviço sacerdotal, pelo contrário, fazem parte de uma espiritualidade plena, servidora e criativa, porque contribuem para o desenvolvimento da capacidade de amar.

Um dos grandes mestres espirituais do nosso tempo, disse uma vez: “Ninguém pode ser santo, sem ter uma consciência plena da sua própria sexualidade” (P. Johannes Kopp, um dos fundadores do movimento Zen na Alemanha).

O relatório sobre os abusos pedófilos na Igreja católica alemã, apresentado pelos bispos alemães, traz uma conclusão absolutamente clara: que o abuso sexual dentro da Igreja é consequência de uma sexualidade imatura e de estruturas hierár-



quico-clericais de poder.

Queremos apenas dedicarnos aqui à primeira causa, posto que as estruturas de poder tocam a questão de uma reforma constitucional da Igreja católica. Esta questão é no entanto mais fundamental, também no que diz respeito a temas dogmáticos e jurídicos.

O problema existente de uma sexualidade imatura entre semi-

naristas e sacerdotes deixa claro que o celibato é o ponto culminante da hostilidade em relação à sexualidade por parte da Igreja Católica e de uma moral sexual que está longe da realidade, e por isso extremamente imprudente. A insistência quase fundamentalista do magistério nas doutrinas tradicionais, que se mantêm longe das ciências modernas, parece hoje em dia nada menos que gro-

tesca. É desta maneira que se formam facilmente alianças terríveis como aquela entre o Papa João Paulo II e o fundador dos Legionários de Cristo, Marcial Maciel, com o qual o Papa celebrou oficialmente o seu sexagésimo aniversário sacerdotal apesar do conhecimento que a Cúria romana tinha dos abusos de crianças e mulheres que Maciel tinha cometido. Esse comportamento da

cúria também é evidente no caso do cardeal McCarrick. Neste contexto, a canonização do papa João Paulo II parece a coroação de toda essa obra maléfica.

Nós mesmos, padres casados e nossas mulheres, somos vítimas dessa postura infame da hierarquia católica e em especial da cúria romana, ainda mais intensificada no pontificado João Paulo II. Os membros mais antigos da nossa associação ainda experimentaram discriminação e insultos, porque não queriam manter em segredo o seu amor e começaram oficialmente uma vida de casal e família.

A defesa orgulhosa da lei do celibato e de uma moral sexual rígida tem como resultado nada menos que uma realidade clerical marcada pela hipocrisia. É nossa firme opinião de que a abolição imediata da lei do celibato ou um passo concreto nesse sentido na diocese alemã seria um primeiro passo para a aceitação da realidade humana. O Papa Francisco pediu aos bispos que usem mais a sua própria autoridade como seguidores dos apóstolos.

Por isso cada bispo em particular deve solicitar ao Papa a abolição da lei do celibato para a sua diocese ou, se possível, toda a Conferência Episcopal Alemã.

Associação Alemã de Padres Casados

“A HIERARQUIA DO VATICANO QUER MULHERES SUBMISSAS E OBEDIENTES”

A jornalista e historiadora deixou na semana passada a direção de “Donne Chiesa Mondo”, o suplemento feminino do jornal oficial da Santa Sé, batendo estrepitosamente a porta.

Depois de comandar durante sete anos uma redação formada exclusivamente por mulheres no coração do Vaticano, Lucetta Scaraffia (Turim, 1948) deixou na semana passada a direção de Donne Chiesa Mondo (Mulheres Igreja Mundo), o suplemento feminino do jornal oficial da Santa Sé, batendo estrepitosamente a porta. Na carta que escreveu ao Papa Francisco anunciando a demissão em bloco de toda a equipe da revista, a jornalista denunciou ter recebido pressões por parte dos novos responsáveis pelo L'Osservatore Romano para silenciar o último porta-voz das mulheres da Igreja.

“Um diretor tem mil maneiras de fazer com que sintas que o teu trabalho não é bem-vindo sem fazer nada específico contra ti”, explica a jornalista e historiadora italiana a El Mundo. “Isso foi feito continuamente e decidimos, unanimemente, que era melhor ir embora do que aceitar um proces-

so de desgaste”. Lucetta Scaraffia teve o apoio do Papa Francisco e seu antecessor, Bento XVI, que em 2012 sugeriu ao então diretor do jornal da Santa Sé que incluísse mais vozes femininas entre os seus articulistas. E ninguém melhor do que ela para refletir sobre as preocupações reais, longe dos estereótipos, das mulheres da Igreja.

A jornalista está ciente de que sua presença dentro dos muros do Vaticano nunca foi bem recebida. “O clima de desconfiança chegou a um ponto que tornou impossível continuar”.

A gota que encheu o copo foi a denúncia: os abusos sexuais sofridos por algumas freiras por parte dos padres e cardeais. Eles se aproveitam do trabalho desinteressado das religiosas e leigas consagradas e as utilizam como empregadas domésticas. A publicação desses artigos precipitou a sua saída. “O Vaticano sabe disso perfeitamente. As denúncias chegam, têm toneladas delas, mas a voz das freiras é muito fraca e não é ouvida. Em muitos casos não têm autonomia econômica para se defenderem. Muitas se veem obrigadas a abortar”,



assegura ela a este jornal.

Mas não são apenas as religiosas que são ignoradas. “A voz das mulheres nunca é ouvida. Para a Igreja é como se não existissem, são invisíveis”.

O último exemplo é a exortação pós-Sinodal Cristo Vive,

inspirada nas reflexões dos jovens que participaram no Sinodo celebrado no Vaticano em outubro do ano passado, no qual apenas 10% dos participantes eram mulheres.

O papa Francisco insta a Igreja a ouvir “as legítimas reivindicações das mulheres”, embora

reconheça que não compartilha todas as propostas feministas. “É inútil dizer que é necessária uma maior presença de mulheres, se depois elas não são convidadas a falar nem têm direito de votar”, lamenta.

Lucetta Scaraffia

POR QUE A IGREJA OFICIAL RELUTA A DISCUTIR A SEXUALIDADE E A LEI DO CELIBATO

Por que a Igreja romano-católica não abole a lei do celibato? Porque seria contraditório à sua estrutura de base.

É inegável a coragem do Papa Francisco ao enfrentar abertamente a questão da pedofilia dentro da Igreja. Fez entregar à justiça civil os pedófilos desde padres, religiosos até Cardeais para serem julgados e punidos.

No Encontro em Roma, em fins de fevereiro de 2019, para a Proteção dos Menores, o Papa impôs 8 determinações entre as quais a “pedofilia zero” e “a proteção das crianças abusadas”

O Papa aponta a chaga principal: “o flagelo do clericalismo que é o terreno fértil para todas estas abominações”.

Entretanto, a meu ver, o atual Papa e todos os anteriores, não levaram a questão até ao fundo, por razões que abaixo tento esclarecer: a sexualidade e a lei do celibato.

Quanto à sexualidade importa reconhecer que a Igreja-grande-instituição-piramidal alimentou historicamente uma atitude de desconfiança e até negativa face à sexualidade. É refém de uma visão errônea, advinda da tradição platônica e agostiniana. Santo Agostinho via a atividade sexual como o caminho pelo qual entra o pecado original. Por ele, de nascença, cada ser humano se faz portador de uma mancha, de um pecado, sem culpa pessoal, em solidariedade com o pecado dos primeiros pais.

Quanto menos sexo procriativo, menos “massa damnata” (massa condenada). A mulher, por ser geradora, introduz no mundo o mal originário. Negava-se a ela a plena humanidade. Era chamada “mas” que em latim significa “homem não completo”. Todo anti-feminismo e machismo na Igreja romano-católica, encontram aqui seu pressuposto teórico discutível em termos filosóficos e teológicos.



Daí o alto valor atribuído ao celibato, porque, não havendo relação sexual-genital com uma mulher, não nascerão filhos e filhas. Assim não se transmitiria o pecado original e a humanidade ficaria destarte mais purificada.

Os criminosos abusos sexuais de menores praticados por celibatários, mostram que o celibato, por si só, não significa necessariamente uma purificação da humanidade. Em todas as análises e condenações feitas sobre a pedofilia não se discutiu ainda o problema subjacente: a sexualidade. O ser humano não tem sexo. Ele é todo inteiro sexuado no corpo e na alma. O sexo é tão essencial que por ele passa a continuidade da vida.

Temos a ver com uma realidade misteriosa e extremamente complexa. A reflexão oficial até hoje não se confrontou positivamente com aqueles que detidamente pesquisaram a sexualidade como Freud, Jung, Adler, Fromm, Winnicott, Lacan, Rollo May, Simone de Bouvoir,

Ana Freud, Rose Marie Muraro, Janette Paris entre tantos e tantas. Teria muito que aprender destas contribuições, sem renunciar às eventuais críticas.

De modo geral podemos dizer que a Igreja oficial e mesmo a própria teologia não elaboraram uma leitura e um ideal, digamos até, uma utopia para a sexualidade humana. O que houve sim, foi muito moralismo que trouxe e ainda traz angústia e sofrimento para os cristãos que querem orientar suas vidas pelo caminho cristão. O documento do Papa Francisco *Amoris Laetitia* (A alegria do amor) delinea alguns pontos luminosos nesta linha. Mas devemos ir mais longe e mais fundo.

Só uma ética do respeito face ao outro sexo e um auto-controle permanente sobre essa energia vulcânica, podem transformá-la em expressão de troca afetiva e de amor a dois e não numa obsessão e numa perversão.

Sabemos como é insuficiente a educa-

ção para a integração da sexualidade na formação dos padres nos seminários. Ela é feita longe do contato normal com as mulheres, o que produz certa atrofia na construção da identidade.

Por que Deus criou a humanidade, enquanto homem e mulher (Gn1,27)? Não primeiramente para gerarem filhos. Mas para não ficarem sós e serem um vis-a-vis uma ao outro e companheiros na diferença (Gn 2,18). As ciências da psiqué nos deixaram claro que o homem só amadurece sob o olhar da mulher e a mulher sob o olhar do homem. Homem e mulher são em si completos, em cada um há a porção masculina e feminina, embora em proporções diferentes. mas, por sua natureza, são recíprocos e se enriquecem mutuamente na diferença.

O sexo genético-celular mostra que a diferença entre homem e mulher em termos de cromossomos, se reduz a apenas um cromossomo. A mulher possui dois cromossomos XX e o homem um cromossomo X e outro Y. Onde se depreende que o sexo-base é o feminino (XX), sendo o masculino (XY) uma diferenciação dele.

Não há, pois, um sexo absoluto, mas apenas um dominante. Em cada ser humano, homem e mulher, existe “um segundo sexo”. Na integração do “animus” e da “anima”, explico, das dimensões do feminino e do masculino presentes em cada pessoa, se gesta a maturidade humana e sexual.

Neste processo, o celibato não é excluído. Pode ser uma opção pessoal legítima. Mas na Igreja ele é imposto como pré-condição para ser padre ou religioso.

Por outro lado, o celibato não pode nascer de uma carência de amor, mas de uma superabundância de amor a Deus, transbordando aos outros, em especial, aos mais carentes de afeto.

Leonardo Boff

AUMENTA A POBREZA E A EXTREMA POBREZA NO BRASIL

A economia brasileira vive a sua mais longa e mais profunda recessão da história republicana. Um dos resultados é o aumento da pobreza e da extrema pobreza devido à queda da renda per capita e ao aumento do desemprego que atingem a população mais carente.

O número de pessoas na pobreza, no Brasil, em 1993, estava em 45,6 milhões de indivíduos. Este número caiu para menos de 40 milhões depois do lançamento do Plano Real (e da redução da inflação) e chegou a 41,8 milhões em 2003. Com a retomada do crescimento econômico durante o superciclo das commodities e ao aumento do gasto social a exclusão social caiu rapidamente e o número de pessoas em situação de pobreza diminuiu para 14,1 milhões de pessoas em 2014. Mas depois do estelionato eleitoral de 2014 e no segundo mandato da dupla Dilma-Temer, a pobreza voltou a subir, chegando a 17 milhões em 2015, 21,6 milhões em 2016 e cerca de 22 milhões em 2017.

A indigência teve comportamento semelhante. O número de pessoas na extrema pobreza no Brasil, em 1993, estava em torno de 20 milhões, caindo para algo em torno de 14 milhões depois da implantação do

Plano Real. Em 2003, estava em torno de 13 milhões e caiu para 5,2 milhões de pessoas em 2014. Mas o número de pessoas em situação de extrema pobreza aumentou para 6,4 milhões em 2015, 10 milhões em 2016 e 11,8 milhões em 2017.

Não há dados ainda para o ano de 2018, mas a expectativa de retomada da economia e do emprego não está ocorrendo conforme previa o governo e, provavelmente, o número de pessoas em situação de pobreza e de indigência aumente também em 2018. Ainda mais com a desvalorização cambial. Ou seja, o Brasil está regredindo no que diz respeito ao objetivo número 1 dos ODS.

A redução da pobreza é um processo que vem ocorrendo no longo prazo no Brasil. Avanços civilizacionais têm melhorado a qualidade de vida dos cidadãos em termos de renda, educação e saúde, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial. Não sem novidade, a maior redução da pobreza no Brasil ocorreu nos tempos do chamado “milagre econômico” e da “economia em marcha forçada”, isto é entre o final da década de 1960 e o ano de 1980.



A pesquisadora Sonia Rocha, em texto publicado no XXV Fórum Nacional do BNDES, em maio de 2013, documentou o processo de redução da pobreza no Brasil entre 1970 e 2011. Na década de 1970, a proporção de pobres no país caiu fortemente de 68,4% em 1970 para 35,3% em 1980. A pobreza voltou a subir durante a recessão ocorrida no governo Figueiredo, entre 1981 e 1983. Caiu especialmente durante o processo de congelamento de preços do Plano Cruzado e voltou a su-

bir para a casa de 30% durante a recessão dos governos Sarney e Collor. A partir do governo Itamar, a pobreza foi reduzida para algo em torno de 20% e chegou ao nível mais baixo, em torno de 10% no final do governo Lula.

Portanto, a pobreza vinha caindo no Brasil no longo prazo, mas não de forma linear. A experiência passada mostra que nas crises econômicas a pobreza sobe e volta a cair na retomada da economia.

José Eustáquio Diniz Alves



CRESCER O NÚMERO DE JOVENS BRASILEIROS QUE NÃO PRETENDEM TER FILHOS

O Brasil, na maior parte de sua história, sempre teve taxas médias de fecundidade muito altas (acima de 6 filhos por mulher). Mas isto começou a mudar na segunda metade da década de 1960, quando o número médio de filhos por mulher começou a diminuir.

A porcentagem de mulheres que não tinham filhos era muito baixa e, geralmente, estava relacionada a problemas de infertilidade ou em função da dificuldade de encontrar um parceiro adequado. O exemplo de Brás Cubas, imortalizado na obra de Machado de Assis, é um caso raro de uma pessoa que não teve filho e assumiu sua postura de maneira irônica: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

Em 2005, o Brasil atingiu o nível de reposição da fecundidade (2,1 filhos por mulher) e o censo 2010 apontou uma taxa de fecundidade total (TFT) de 1,9 filhos. Mas, evidentemente, qualquer taxa de fecundidade representa diferentes níveis de parturição.

A porcentagem de mulheres,

no final do período reprodutivo, tendo 3 filhos ou mais tem diminuído para todas as coortes nascidas após 1956-1960. O percentual de mulheres tendo 2 filhos subiu, para a parturição observada, ficando em torno de 33% para as coortes nascidas entre 1960 e 1970. Contudo, os valores projetados mostram que as mulheres nascidas no início da década de 1970 e com parturição de 2 filhos representava 29% do total.

Já as mulheres com um filho cresceu de 10% para mais de 17% e deve chegar a 25% do total. As mulheres que não se tornam mães (zero filho) deve passar de pouco mais de 10% para cerca de 20% do total.

De fato, o Brasil mantém não somente taxas de fecundidade abaixo do nível de reposição, como também cresce o número de mulheres nulíparas (zero filho). Esta é a nova realidade do século XXI. Pesquisa recente (16 e 27 de julho de 2018) do Nube – Núcleo Brasileiro de Estágios – perguntou para 41.389 pessoas, na faixa etária



de 15 a 26 anos, em todo território nacional: “você pretende ter filhos?”. Embora, 57,97% das pessoas entrevistadas afirmarem a vontade de ter descendentes, mas uma grande parcela pretende ter apenas um filho.

Confirmando o estudo de Cavenaghi e Alves (2013), a pesquisa mostrou um montante sig-

nificativo de 28,3% das pessoas entrevistadas que revelaram não considerar a ideia de ter filhos. Desses, 25,47% (10.543) afirmaram: “não quero ter filhos, tenho outras prioridades” e 2,82% (1.166) constataram: “o mundo já tem gente demais”.

Ou seja, o Brasil não será uma sociedade sem filhos (chil-

dless), mas tudo indica que a proporção de pessoas que escolherão “parturição zero” ou “parturição um” deve crescer de forma consistente no século XXI. Famílias pequenas será a norma e a TFT deve continuar abaixo do nível de reposição ao longo do século XXI.

José Eustáquio Diniz Alves

CATÓLICOS ALEMÃES PEDEM AOS BISPOS REFORMAS NA IGREJA

Em carta dirigida ao cardeal Reinhard Marx, bispo de Munique e presidente da Conferência Episcopal Alemã, publicada no jornal Frankfurter Allgemeine Sonntagszeitung, 3 de fevereiro, um grupo de nove conhecidas personalidades católicas da Alemanha, entre as quais vários teólogos, exige reformas corajosas na Igreja Católica.

“Não hesitem!”, dizem aos bispos.

Que o sacramento da ordem seja aberto às mulheres; que seja abolido o celibato obrigatório dos padres diocesanos; que se reveja a moral sexual da Igreja, nomeadamente no que diz respeito à homossexualidade; e que os abusos sexuais sobre menores sejam encarados também como



um problema sistêmico (do sistema e não apenas como falta individual) – são os principais pontos deste apelo.

Os subscritores temem que, mesmo depois da publicitação dos escândalos da pedofilia, tudo fique na mesma, e que, assim, a credibilidade da hierarquia católi-

ca e da Igreja no seu conjunto seja cada vez mais reduzida. Entre os assinantes da carta está o jesuíta Klaus Mertes, que em 2010 fez a primeira denúncia pública de abusos nas instituições eclesiais e assim desencadeou uma enorme bola de neve.

“Os católicos empenhados na

Igreja alemã na sua maioria não apoiam mais a ordem pré-moderna da Igreja. Suportam-na apenas”, escrevem. E acrescentam: “Fazemos este apelo aos nossos bispos: façam confiança no senso comum dos fiéis e retribuam à Igreja veracidade e abertura, sem as quais o Evangelho não pode respirar!” E seguem-se as exigências acima referidas.

A carta vem a propósito do encontro do Papa Francisco com os presidentes das conferências episcopais de todo o mundo, convocado para 21 de fevereiro, para debater a questão dos abusos sexuais por parte de membros do clero.

Entre os subscritores da carta conta-se também o reitor da Escola Superior de Teologia dos

Jesuítas em Frankfurt, Ansgar Wucherpfennig, a quem o Vaticano quis recusar a “missão canônica” (autorização para ensinar teologia) devido às suas tomadas de posição públicas no sentido de uma revisão de atitude da teologia moral face à homossexualidade.

Só um vasto protesto e a solidariedade de muitos colegas e alguns bispos fez retroceder o Vaticano.

“O senhor presidente (da Conferência Episcopal) pode contar conosco. Os bispos podem contar conosco. Se se colocar à frente de um movimento de reforma, tem-nos consigo! Nós contamos com os bispos. Deles tudo depende! Não hesitem!”

Joaquim Nunes

DONDE VEM A PALAVRA SALÁRIO?

O sal foi o primeiro tempero usado por nossos ancestrais.

Eles o obtinham mediante a evaporação da água do mar, ou minerando-o.

Como a origem dos depósitos de sal no solo pode também ser atribuída a oceanos que não mais existem, todo sal é basicamente “sal marinho”. Ele foi minerado perto de Salzburgo (Cidade do Sal), na Áustria, desde os idos de 6.500 antes de Cristo.

E os romanos antigos construíram grandes tanques de evaporação perto do mar para coletá-lo.

De fato, os romanos aprecia-

vam tanto o sal que os soldados recebiam uma ajuda de custo especial, conhecida como o “salarium”, para comprá-lo.

Nossa palavra SALÁRIO deriva daí...

Do livro “Uma maçã por dia” pág. 143-144

NOTA DA REDAÇÃO:

Uma segunda explicação vem do fato de o sal ter sido usado como moeda na Roma Antiga. O pagamento dos soldados na moeda sal deu origem ao termo “soldo”, que até hoje indica salário do militar. A remuneração de outras categorias de

trabalhadores recebeu o nome de salário. Ambas as palavras são derivadas da palavra sal. Antes da moeda metálica (metalismo) surgiu na Antiguidade o uso de uma moeda-mercadoria, dado que com o aumento do comércio o escambo, troca direta de mercadoria por mercadoria, se tornou inadequado. Qualquer mercadoria poderia servir de moeda, desde que tivesse boa aceitação na comunidade. Cada reino antigo tinha sua própria moeda. (Cf. Müller, Antônio, Manual de Economia Básica, Ed. Vozes, ps. 199 e 200).





A SOMBRA DO SUICÍDIO ENTRE OS JOVENS

Julio Jacobo Waiselfisz, sociólogo e coordenador do Mapa da Violência no Brasil, endossou esses dados ao apresentar em um de seus estudos que o número de suicídios aumentou em 65% na faixa etária dos 10 aos 14 anos, e em 45% dos 15 aos 19 anos, no período entre os anos 2000 e 2015. Os números são alarmantes e a situação exige atenção da sociedade.

Os motivos desse aumento de suicídios são multifatoriais: um cérebro adolescente em formação, com as incertezas próprias desta idade, aliado a uma criação super protetora. Somase a isso a obrigatoriedade de ser feliz a qualquer custo em um mundo onde a mesma tecnologia que une também afasta as pes-



soas. Difícil administrar, certo?

Diante de tantas incertezas, a ansiedade e a depressão podem bater à porta e, para muitos deles, o suicídio é a saída na ânsia de extinguir o sofrimento e o desespero. Diante dessa situação, cabe aos pais lembrar da importância

de transmitir segurança aos filhos durante a vida. Felizes deles também se puderem contar com o limite, com o modelo dos pais diante das ameaças do mundo.

O suicídio entre os jovens é uma forma de fugir do mundo, resultado da ausência de objetivos.

A vida perde o sentido e eles deixam de acreditar. Se um adolescente se suicida por desesperança, a sociedade na qual ele vive certamente também está adoecida.

Caso a depressão já esteja instalada, torna-se indispensável procurar um profissional para o tratamento de transtorno da personalidade instalada no psiquismo desse adolescente. Aos educadores, cabe a contribuição de fazer com que os alunos desviem temporariamente o olhar da tela do celular, contemplem a natureza e entusiasmem-se por ela, criando assim uma visão sistêmica da vida que apresenta desafios, mas que também traz oportunidades de crescimento.

Acima de tudo é necessário desenvolver a consciência de que

todo desejo pede realização, mas que nem todo desejo poderá ser realizado. Pois é neste ponto que surge a frustração.

E não para por aí. É preciso ensinar os princípios da Inteligência Emocional, para adiar a necessidade de satisfação e aumentar a tolerância quando as frustrações surgirem.

E neste âmbito, dois instintos devem ser levados em consideração: de vida (Eros) e o de morte (Thanatos). Quando o instinto de morte prevalece a vida corre perigo. Devemos cuidar dos nossos jovens para não lhes faltar o principal: amor. Suicídio é a falência do amor.

Organização Mundial da Saúde (OMS)

AINDA PROCURO

Sim, mesmo sendo padre casado, ainda procuro respostas para muitas perguntas de religião. Serão as Igrejas os melhores lugares para o encontro com Deus? Estar dentro de uma igreja significa que esta é a vontade de Deus?

Para muitos, só quem participa da Igreja, ou da religião A ou B, está dentro de uma comunidade de igreja e tem melhor possibilidade de salvação.

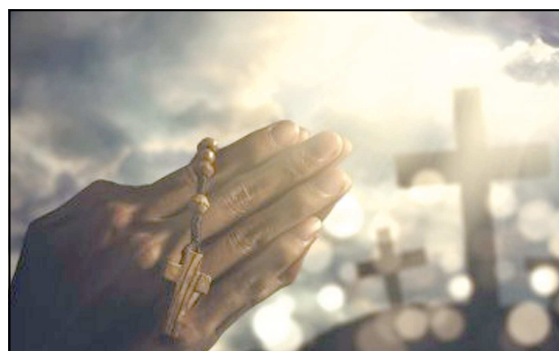
Leio e releio a Bíblia. Tenho dificuldades, principalmente no Evangelho, encontrar um chamado de Jesus para que eu participe de uma religião.

Jesus liga diretamente o discipulado dele ao mandamento do

amor. “35 Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos» João 13,35. E numa de suas últimas orações Jesus fala ao PAI: “20 «Eu não te peço só por estes, mas também por aqueles que vão acreditar em mim por causa da palavra deles, 21 para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste. 22 Eu mesmo dei a eles a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. 23 Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e para que o mundo re-

conheça que tu me enviaste e que os amaste, como amaste a mim.” João 17,20—23.

A proposta que mais me parece de acordo com a mensagem de Cristo é que aprendamos amar e construir unidades. O amor que Cristo nos pede é concreto: atender as seis necessidades básicas do empobrecido: alimento, água, vestiário, habitação, saúde e liberdade Mateus 25,31-46. Parece-me que esta deixou de ser a prática na maioria das Igrejas. O que está sobressaindo é o culto ao deus invisível, porque o culto verdadeiro continua sendo encontrar Cristo no necessitado. Ele não se deixa trancar nos Templos



e Sacrários. Sonho, oro e trabalho para que este dia aconteça.

Hoje participando do amor exigente vejo neste espaço, o meu

lugar para amar os mais necessitados e construir unidades, ou a unidade.

José Vanin Martins

O RITMO DO COTIDIANO

O cotidiano merece ser vivido de maneira positiva. Quando já se passaram as festividades natalinas e, para muitas pessoas, também o tempo de descanso, voltamos à normalidade da vida familiar e profissional. A simplicidade e a repetição das atividades são o lugar privilegiado para criarmos processos, vivermos nosso projeto de vida, realizarmos um caminho de crescimento humano, cristão e profissional. Normalmente a maturidade e a felicidade são resultados de uma fidelidade provada pelos anos, diante dos desafios e alegrias de cada dia.

A própria Sagrada Escritura, que fala muito pouco da vida de Jesus dos 12 aos 30 anos, apenas diz que viveu com Maria e José, em Nazaré, onde era obediente e crescia em estatura e graça (cf. Lc 2,52). A análise das parábolas de Jesus e o uso de comparações que ele fez nos dizem que ele mergulhou no cotidiano de uma vida simples, escondida, numa aldeia insignificante e que aí moldou seu jeito de ser, com os valores e ati-

tudes básicas que demonstrou na sua pregação do Reino de Deus. Nossa vivência da fé tem seu primeiro lugar, o mais importante, no cotidiano. Como o profeta Isaías, dizemos: “A cada manhã, o Senhor desperta o meu ouvido para que eu o escute como um discípulo” (Is 50,4). A vivência e transmissão da fé, que se dá em primeiro lugar no testemunho de vida familiar, é feita pela perseverança na escuta cotidiana da Palavra. Ela é o “bom-dia de Deus”, que se prolonga nos momentos de oração, no obrigado pela sua presença permanente. Toda educação é feita pela repetição, mesmo que às vezes se torna cansativo e até desagradável. A educação da fé, inclusive, é a repetição de ritos cotidianos, que deixam marcas para toda a vida. Os momentos extraordinários, os grandes eventos, terão especial significado quando estão ligados a um estilo de vida que os prepara e, a partir deles, voltam à vida diária. Quantos de nós lembramos com gratidão o que aprendemos desde

a infância!

Recordava-nos, recentemente, nosso Papa Francisco em sua Carta Gaudete et Exultate, que o cotidiano é o lugar privilegiado de viver a santidade de vida. Como ele falou: uma santidade “ao pé da porta” (cf. n. 6s), marcada pela simplicidade e profundidade, não pela extraordinariedade. Que fez de extraordinário Santa Terezinha do Menino Jesus? Que faz de extraordinário um casal que constrói sua família numa convivência de 50 anos, com amor sempre renovado? A lógica do consumismo nos acostuma à constante novidade e, por isso, à dificuldade de saborear a fundo o que é cotidiano, o que é simples, como o convívio familiar. Sempre se precisa de algo novo, diferente. A educação para a sobriedade favorece a espiritualidade, o desapego e traz mais paz e felicidade. Neste sentido, o cotidiano também está ligado ao lar, cujo sinônimo existencial é a intimidade familiar e pessoal. É o lugar que permite que sejamos nós mesmos e recolha-

mos tudo o que se dispersou pelas múltiplas atividades. Neste lugar sagrado somos compreendidos e acolhidos, pois ninguém quer nos vender ou comprar mercadorias. O olhar amoroso dos pais produz nos filhos a segurança e a bondade, que forjam uma personalidade sadia. Aprendemos também a disciplina da “língua”, do tom de voz, do respeito no falar. Certamente também faz parte do cotidiano aprender a tolerar, a compreender as fraquezas de quem

convive conosco. Inútil querer exigir do marido, esposa, pais ou filhos a perfeição. Estamos todos a caminho.

Enfim, é no ritmo da vida diária, com a paciência da espera do tempo de maturação, que nos formamos para a maturidade humana, profissional, familiar e cristã. Como diz o ditado latino: “Carpe diem” (Horácio - 65-8 AC), aproveite o dia.

Dom Adelar Baruffi
Bispo Diocesano de Cruz Alta



EXPECTATIVA DE VIDA DO BRASILEIRO SOBE PARA 76 ANOS; MORTALIDADE INFANTIL CAI

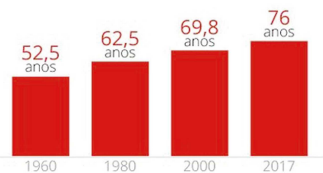
A expectativa de vida ao nascer continuou a subir no Brasil em 2017, atingindo 76 anos, contra 75,8 anos em 2016, segundo as Tábuas Completas de Mortalidade, divulgadas ontem pelo IBGE. A melhora também foi sentida na taxa de mortalidade infantil (probabilidade de óbito até um ano de idade), que ficou em 12,8 a cada mil nascidos vivos, contra 13,3 no ano anterior.

A esperança de vida das mulheres chegou a 79,6 anos e continuou maior que a dos homens, que ficou em 72,5 anos. Regionalmente, Santa Catarina apresenta a maior esperança de vida (79,4 anos), seguida por Espírito Santo (78,5 anos), Distrito Federal (78,4 anos) e São Paulo (78,4 anos). Além desses, Rio Grande do Sul (78,0 anos), Minas Gerais (77,5 anos), Paraná (77,4 anos) e Rio de Janeiro (76,5 anos) são os únicos que possuem indicadores superiores à média nacional. No outro extremo, com as menores expectativas de vida, estão Maranhão (70,9 anos) e Piauí (71,2 anos).

“Temos uma certa gordura para queimar em relação à expectativa de vida. No Brasil, tendemos a convergir para o nível dos países desenvolvidos, que estão na faixa dos 83 anos. É uma diferença ainda considerável, mas, se pensarmos que existem países na faixa dos 50 anos, vemos que estamos mais próximos dessa faixa superior”, explica o pesquisador do IBGE Marcio Minamiguchi.

A tendência é que esse aumento continue de forma gradual e cada vez mais lenta, uma vez que o salto dado no passado foi fruto, sobretudo, de uma forte queda na mortalidade infantil. “Inicialmente, os ganhos se davam pela redução da mortalidade entre os mais jovens, em função da própria

EXPECTATIVA DE VIDA NO BRASIL



natureza dos óbitos. É algo que não necessita de grandes avanços tecnológicos, como a consciência de que é necessário dar água potável para as crianças. O próprio soro caseiro foi importante na década de 1980”, complementa Minamiguchi.

A taxa de mortalidade infantil, entretanto, manteve sua trajetória de queda em 2017: de 13,3 a cada mil nascidos vivos em 2016 para 12,8. A redução também foi sentida na taxa de mortalidade no grupo de 1 a 4 anos, que ficou em 2,16 em 2017. A tendência, segundo Minamiguchi, é que os óbitos se concentrem cada vez mais nas crianças de até 1 ano, cujas mortes são causadas, predominantemente, por questões congênicas, como a má formação.

“No grupo de 1 a 4 anos, predominam causas ligadas ao ambiente em que a criança vive, como a falta de saneamento básico. No grupo de até 1 ano, temos muitos óbitos que ocorrem nas primeiras semanas de vida da criança, causadas sobretudo por doenças congênicas”, explica.

A queda na mortalidade infantil nas últimas sete décadas está amplamente relacionada ao aumento da expectativa de vida. Enquanto a taxa de mortalidade infantil caiu de 146,6 (1940) para 12,8 (2017), a esperança de vida ao nascer foi de 45,5 anos (1940) para 76 anos (2017).

Rodrigo Paradella

DEUS COMANDA



Fui um dos fundadores do MFPC e presidente do MFPC de Campinas. Visitei colegas em outras cidades, hospedei colegas de outros lugares, lutei muito, para reunir e conservar o meu grupo de Campinas. Particpei de muitas reuniões tanto aqui como fora, escrevi vários artigos defendendo a nossa causa e também mostrando a necessidade do celibato opcional, fiz várias reportagens. Por duas vezes, juntamente com outros colegas, fui entrevistado pelo Serginho Groisman sobre o assunto. Dois colegas e eu participamos no programa “Fórum de debates” da TV Cultura sobre o tema “Os padres podem casar ou não?” Os nossos oponentes foram um Bispo, um conhecido padre e uma psicanalista. O Júri nos deu a vitória por 5 pontos a dois.

Cristo mandou a todos os Seus discípulos que pregassem a boa nova a todas as criaturas, e o celibato obrigatório, que não é um dogma, mas apenas uma anacrônica lei disciplinar, humana, torna inviável o cumprimento da lei divina.

Se o celibato for um dom especial de Deus, como sempre a Igreja ensinou, ele

não necessita de lei que o obrigue, e se não for um chamado especial, nenhuma disciplina eclesial dará força aos subjulgados para cumpri-lo.

As razões de São Paulo aconselhando o celibato não têm valor no atual contexto teológico, filosófico, psicológico e pastoral.

A hierarquia sempre interpretou a saída em massa dos padres como uma infiltração das coisas mundanas na mente dos que saíram. No entanto, devemos lembrar que ela, no tempo de nossa formação, nos ensinou que, em todos os tempos, Deus usou os acontecimentos históricos para conduzir o povo de Deus, e realiza Seus planos através do homem e servindo-se dos acontecimentos de cada época.

Com o tempo e depois de muito esforço e muita decepção, cheguei à conclusão de que não adianta dar murros em ponta de faca. Como Deus está sempre no comando, nossa melhor colaboração não é o grito na barca, por medo da tempestade, mas nossas orações e nossa fé, pois no momento oportuno Ele fará o que for melhor para Seu reino.

Onofre A. Menezes

PRÓXIMA DESTITUIÇÃO DO ESTADO CLERICAL DO CARDEAL MCCARRICK

O depoimento público, pela primeira vez, de James Grein contra o ex-cardeal T.E. McCarrick, é um duro golpe contra o ex-arcebispo de Washington, há 4 meses enfrentando um processo canônico. Grein é a pessoa que quando tinha apenas 11 anos de idade foi abusada sexualmente pelo então padre McCarrick. Jame Grein, cidadão do estado de Virgínia, nunca havia se manifestado em público e nunca havia prestado depoimentos públicos. Ele fez isso pela primeira vez no último dia 13 de novembro, durante o “Silence Stops Now”.

A informação é publicada por *The New York Times*, 24-11-2018. A tradução é de Luisa Rabolini.

Esse senhor, que o *New York Times* sempre identificou como “James”, disse ter sido abusado por McCarrick por 18 anos. Esses abusos começaram quando o futuro arcebispo de Washington tinha 39 anos e se, como disse Grein, continuaram por 18 anos, significa que terminaram quando o ex-cardeal já estava com 57 anos (1987), o que significa que esses comportamentos foram mantidos mesmo quando McCarrick já era bispo.

Recordamos que Theodor Edgar McCarrick foi ordenado sacerdote em 1958,



e nomeado bispo auxiliar de New York em 24 de maio de 1977. Em 19 de novembro 1981, ele foi nomeado o primeiro bispo da Diocese de Metuchen. Em 30 de maio de 1986 foi promovido arcebispo de Newark, e, mais tarde, em 21 de novembro de 2000 foi transferido para a Arquidiocese de Washington. O Papa João Paulo II o nomeou cardeal no consistório de 21 de fevereiro de 2001.

O advogado Pat Noaker, que representa Grein (definido “segundo caso”), lembre-se de também defender outra pessoa abusada por McCarrick e de quem nunca foi revelado o nome publicamente. Tal primeiro evento de que falou o *New York Times* diz respeito a um coroinha que, anos atrás, foi molestado pelo ex-cardeal quando ele era um rapaz de 16 anos enquanto estavam envolvidos na decoração da árvore de Na-

tal. Esse primeiro caso foi investigado pela Arquidiocese de Nova York e os resultados foram enviados ao Vaticano e resultaram na remoção de título cardinalício de McCarrick e o convite para retirar-se para um convento do Kansas em penitência e oração.

Relembra-se que para a Igreja Católica até 1980 falava-se de crime de pedofilia se a vítima era menor de 16 anos na época dos fatos. Agora o limite de idade é de 18 anos.

Os observadores acreditam que o Vaticano vai agir mais severamente quando receber os documentos sobre o caso James Grein (abusado aos 11 anos) em conclusão da investigação conduzida pela Arquidiocese de Nova York, ainda em andamento, e solicitada pelo Vaticano.

Todas as investigações, conhecidas e não da opinião pública, parecem confirmar não apenas a plausibilidade das denúncias, mas também sua veracidade. Não se sabe se esses casos tenham alguma influência sobre o que foi dito inicialmente quando estourou o caso McCarrick, ou seja, que no passado duas dioceses, para silenciar o assunto por via extrajudicial, pagaram duas vítimas do ex-cardeal: uma 80 mil e a outra 100 mil dólares estadunidenses.

www.ihu.unisinos

RESSURREIÇÃO DE JESUS E RESSURREIÇÃO DO HOMEM

Quando se fala em ressurreição, tem-se como parâmetro a ressurreição de Cristo e a frase de São Paulo: “Se Cristo não tivesse ressuscitado vã seria a nossa fé” (I Coríntios 15:13-14). E São João reforça a importância da ressurreição de Cristo, quando diz: A Ressurreição é a verdade fundamental da nossa fé. Cremos, aceitamos e vivemos na fé de Cristo vivo, ressuscitado dos mortos, após a consumação de sua vida na cruz (João 19:28-30).

Essas afirmações, tanto de Paulo, como de João, destacam a importância da Ressurreição de Cristo para nossa fé e para toda a sua obra, inclusive paixão e morte. Sem a ressurreição, toda a obra de Cristo, estaria comprometida e não teria credibilidade. Esse é o sentido que São Paulo e São João querem dar quando afirmam: sem ela, vã seria a nossa fé, ou é a verdade fundamental da nossa fé. Quem acreditaria num Deus, que terminou sua vida e sua história, de forma aparentemente fracassada no patíbulo da cruz?

A ressurreição de Cristo é a prova cabal de sua ligação filial com Deus Pai e do seu próprio poder divino. Por causa da ressurreição adoramos um Deus vivo,

não morto, vencedor, não vencido. Cremos no Pai pelo testemunho do Filho e no Filho, por sua vida, morte e ressurreição, que atestam sua partilha de poder e união com Deus Pai. Além disso, por ela os laços da crença se tornaram vigorosos. A predição, “destruí este templo e em três dias eu o edificarei”, se cumpriu. Mas a ressurreição de Jesus, com a desintegração e glorificação do corpo físico, não é imagem da ressurreição do homem. Foi um caso único e com o objetivo de garantir a plenitude do plano para salvar a humanidade, que havia se desviado de suas raízes, como diz Jesus no Evangelho de Maria Madalena: “Eis porque o Bem veio até vós; Ele participou dos elementos de vossa natureza a fim de reuni-la a suas raízes”.

A partir da Ressurreição de Cristo se desenvolveu a ideia de eternidade do homem semelhante à de Jesus, que ao terceiro dia o seu corpo físico saiu da sepultura. Como não aconteceu que os mortos ressuscitassem ao terceiro dia, nem se tomou conhecimento que tal fato tenha ocorrido em dia algum da história humana, exceto o caso extraordinário de Jesus de Nazaré, desenvolveu-se a te-

oria da ressurreição da carne, ou ressurreição dos mortos no final dos tempos, que seria também o dia do juízo derradeiro da humanidade, quando Deus chamaria os bons para tomar acento junto dele no céu, e os maus receberiam dele a condenação eterna no inferno.

Como a matéria corporal está continuamente se renovando e o corpo, com a morte, se decompõe e desaparece como pó da terra de onde saiu (és pó e em pó te hás de tornar), não faltou criatividade aos teólogos para imaginar uma ressurreição semelhante à de Cristo, onde a matéria, que serviu ao corpo humano, seria glorificada de forma semelhante à ressurreição de Cristo.

Essa crença foi tornada dogma de fé no concílio de Trento (1545 a 1563), sessão III e passou a ser repetida em toda “Missã Tridentina”, num pacote de fé, chamado credo. Embora a crença na ressurreição da carne venha desde os primórdios do cristianismo e tenha sido transformada em dogma de fé, a crença na ressurreição da carne, como Cristo ressuscitou, não encontra guarida na pregação de Cristo. Todas as vezes que o Mestre de Israel fala em ressurreição, dá um sentido imediato, e não se refere a um acontecimento para o final dos tempos, como num encerramento glorioso do plano de Deus. “Ressurreição para Jesus é o que acontece com a pessoa que nele crê, que ouviu sua Palavra e se abriu para a comunhão com o Pai Eterno”. É um passar da morte (sem Deus) para a vida (comunhão com Deus).



Procuremos abrir nossa mente para entender o que ele quer dizer quando afirma: “A vontade do Pai é que todo aquele que vê o Filho e acredita nele tenha a vida eterna, e eu o ressuscite no último dia”.

Como já havia no judaísmo a crença na ressurreição essa frase foi entendida como ressurreição da carne, no final dos tempos, ou seja, no juízo final. Nada levou a entender que no último dia poderia ser o dia da morte individual de cada pessoa. Para Jesus, quando o homem tem a vida de Deus em si vive, mesmo que morra biologicamente, como se deduz de sua afirmação: “A vontade do Pai é que todo aquele que vê o Filho e acredita nele tenha a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,40).

Antônio Müller

O CATECISMO DE GERHARD MÜLLER

No início de fevereiro, o cardeal Gerhard Müller, sem cargo atual, publicou seu “Manifesto da Fé” pessoal em sete idiomas. O documento em inglês, italiano, espanhol, português, francês, alemão e polonês parece atacar o papa.

O cardeal alemão ficou mais do que aborrecido desde que o Papa Francisco não renovou o seu mandato de cinco anos como chefe da Congregação para a Doutrina da Fé.

Alguém, talvez exceto Müller, ficou surpreso? Em certo ponto, Müller opinou que, como o papa não era teólogo, cabia a ele, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, explicar a doutrina adequadamente. Pode-se entender que Francisco possa ter levantado uma sobrancelha diante desse comentário.

Em todo o caso, depois do dia 1º de julho de 2017, Müller não faria mais a curta caminhada do Palácio do Santo Ofício até a Casa Santa Marta para reuniões quinzenais com o papa.

Talvez o “telegrama” mais revelador de Francisco sobre a sua insatisfação com Müller tenha vindo em setembro de 2015, quando ele falou com cardeais e bispos reunidos no Seminário St. Charles Borromeo, na Filadélfia. Francisco apresentou os deveres dos bispos: eles deveriam viver uma vida de oração e de pregação. Mas, explicou, na Igreja primitiva, havia a caridade que precisava ser atendida, então os apóstolos “inventaram os diáconos”. Isto é, o diaconato é uma criação da Igreja.

Então, agora, parece que o cardeal está definindo o papel do bispo de Roma. Müller reclamou recentemente a uma re-



vista de língua alemã que era inapropriado que a Igreja fosse “administrada pelas regras da ordem jesuíta”. Quais regras? Santo Inácio escreveu as “Regras para sentir com a Igreja”.

Müller ainda reside em seu apartamento palaciano no Borgo Pio e parece fazer o que pode para discutir a sua interpretação pessoal da doutrina. Ele está especialmente preocupado com questões sobre os católicos em segunda união e as diáconas.

Com o seu “Manifesto” cuidadosamente redigido, Müller nega a ideia de os

pastores podem trabalhar com casais divorciados e civilmente recasados, talvez os convidando à Comunhão antes que a papelada da nulidade chegue ou quando seja impossível rastrear um momento de alegria no primeiro casamento.

Então, com uma teologia rápida e ligeira, Müller combina o diaconato e o presbiterado. Ele declara que as mulheres não podem ser ordenadas, embora ele – e qualquer bom teólogo – saiba que o diaconato está claramente aberto às mulheres. Ele colide “os três estágios do ministério”, deixando

o leitor intuir que as mulheres não podem representar Cristo. Seu argumento se reduz incorretamente em duas direções e pode ser respondido assim: 1) o diaconato não é o sacerdócio; 2) as mulheres e os homens são feitos à imagem e semelhança de Deus.

Simplesmente: os diáconos agem in persona Christi servi (na pessoa de Cristo servo), e todos somos feitos à imagem e semelhança de Deus.

Müller talvez desconsidere esses pontos no próprio Catecismo da Igreja Católica que ele desembainha contra Francisco: 1) somente o sacerdócio e o episcopado participam do sacerdócio de Cristo (1.554); e 2) a imagem divina está presente em todas as pessoas (1.702).

A lei reflete a doutrina, mas não deve ser distorcida. Ela dá suporte ao ensino, mas deve ser ensinada de forma adequada e cheia de graça. Como afirma o prefácio do antigo Catecismo Romano – o catecismo do Concílio de Trento:

“A finalidade da doutrina e do ensino deve fixar-se toda no amor, que não acaba. Podemos expor muito bem o que se deve crer, esperar ou fazer; mas, sobretudo, devemos pôr sempre em evidência o amor de nosso Senhor, de modo que cada qual compreenda que qualquer ato de virtude perfeitamente cristão, não tem outra origem nem outro fim senão o amor” (n. 25).

A fanpage do cardeal Müller no Facebook tem 647 membros. O abaixo-assinado do LifeSiteNews apoiando o seu “Manifesto” tem cerca de 16.915 assinaturas.

Existem 1,2 bilhão de católicos no mundo. Eles seguem Francisco ou Müller?

Phyllis Zagano

ARAME FARPADO AO REDOR DA MULHER-PADRE

Sabe-se que é difícil mudar as tradições milenares, mas duas breves notas ao artigo de Dom Ladaria Ferrer são oportunas. A Igreja Católica reitera a definitividade, através das palavras do atual prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, do pronunciamento do Papa Wojtyła de 1994, feito no dia da memória de Santa Rita (mulher casada e mãe), que, apelando-se à Traditio, sancionou – na Ordinatio sacerdotalis – a impossibilidade de estender a ordem sacerdotal às mulheres.

De fato, a Igreja – afirma ele – exclui desde o início toda referência a um ministério da Ordem aberto às mulheres. Tudo verdade, se lermos a história em favor da única interpretação considerada legítima pela Igreja. No entanto...

Primeira objeção: a tradição eclesial se fundamenta no testemunho apostólico e nos Evangelhos. Os escritos canônicos e ainda mais os apócrifos falam das mulheres que estão no seguimento de Jesus durante o seu ministério e, após a ressurreição, são encarregadas por ele mesmo de anunciar a boa notícia.

Sem recorrer aos Evangelhos gnósticos, que falam do papel fundamental de Madalena dentro das primeiras comunidades cristãs, é preciso se perguntar onde foi enterrada nos séculos aquela tradição que vê as duas Marias (a Mãe e Madalena) junto com o apóstolo João debaixo da cruz,



primeiro, e em Anatólia depois.

Se o princípio da tradição vale sempre e em todo o caso, qual é o papel reconhecido a essas mulheres ao longo dos séculos? E onde se perdeu o ministério das diaconisas, de que falam Paulo (Romanos 16, 1) e, mais tarde, também João Damasceno (†749)?

Basta apenas dizer, para responder, que a Igreja hierárquica, tradicionalmente, foi sempre e apenas masculina, e ressaltar que ela dificilmente conseguiu ir além do imaginário de um feminino virgem e santo a ser protegido em cima da cama ou, na melhor das hipóteses, a ser levado em pro-

cessão; é o espaço celeste e não encarnado no qual o feminino foi frequentemente trancado.

Mas a Igreja também é terrena, afirmou o Concílio Vaticano II, e se manter um low profile era apropriado à natureza unicamente materna reconhecida à mulher medieval, que sempre permanecia em uma ordem subalterna ao gênio masculino, essa posição hoje não se sustenta mais diante do feminino que se pensa e se sente emancipado e que reivindica esse seu status dentro da Igreja.

Segunda objeção: não é absolutamente verdade que Jesus, durante a última ceia, falou e co-

mungou apenas com os Apóstolos e, portanto, transmitiu apenas a eles o encargo do memorial e do lava-pés. É claro que os Doze estavam todos na ceia (também foi a última ceia para Judas) e eles eram os escolhidos para ajudar no ministério público de Jesus; no entanto, os Evangelhos sinóticos e o quarto Evangelho falam, todos os quatro, de discípulos, mathetai, não apenas de Apóstolos.

Os discípulos perguntam a Jesus onde devem preparar a Páscoa, e os Doze (em Mateus e Marcos) e os Apóstolos (em Lucas) se sentam à mesa com Ele. E sabemos que, entre os discípulos

que seguem Jesus, há muito mais do que 12. Portanto, por que o primeiro Evangelho, o da Igreja de Mateus (26, 17-30) e os outros evangelistas tiveram que escrever “discípulos” e não “apóstolos”?

Podemos, talvez, levantar a hipótese de que também estavam junto deles a sua mãe e as outras discípulas que os seguiam e outros discípulos que não eram apóstolos? Por outro lado, se algumas mulheres estavam entre os discípulos no seguimento de Jesus, por que não deveriam ter participado da festa mais importante do ano para os judeus, a Páscoa?

Eis, portanto, que, entre os apóstolos (enviados) e os discípulos (aqueles que creem e seguem a Jesus), haveria uma abertura significativa para aqueles que, como a mulher, até agora não foram considerados. Se, naquela ceia, instituiu-se o maior sacramento do amor cristão, como é possível considerá-lo um mandato exclusivo apenas para o gênero masculino?

No futuro próximo, a Igreja universal deverá avaliar e discernir à luz do Espírito Santo qual papel e, acima de tudo, qual consideração deve atribuir às mulheres discípulas do único mestre e senhor. Se o ministério da ordem é considerado exclusivo dos apóstolos, o que reservamos para os discípulos e, particularmente, para as discípulas?

Beatrice Rizzato

LUA PODE SER USADA PARA TRANSMITIR ENERGIA À TERRA

Como um satélite da Terra, a Lua pode ser usada para transmitir a radiação emitida pelo Sol ao planeta, gerando uma energia completamente limpa. É o que afirma o cientista americano David Criswell, da Universidade de Houston.

Por mais de 20 anos, Criswell vem estudando formas para que a energia do Sol – absorvida diariamente pela Lua – seja enviada à Terra e usada para mover automóveis, gerar eletricidade, aquecimento, entre outros. Tudo sem poluir o meio ambiente, nem provocar o aquecimento global.

“A energia solar, transmitida à Terra por meio de estações existentes na Lua, é a única forma possível e viável de energia completamente limpa, capaz de suprir as necessidades do planeta”, disse Criswell à BBC Brasil.

Pelos seus cálculos, já publicados em diversas revistas científicas, a quantidade de gás carbônico (CO₂) gerada por um país altamente poluidor, como os Estados Unidos, poderia ser reduzida pela metade – caso a Lua fosse melhor explorada.

O cientista explica a sua ideia estimando que, até 2050, a população de 10 bilhões de pessoas da Terra irá consumir cerca de 20 terawatts de energia (cada terawatt é equivalente a 1 trilhão de watts). Ou seja: quantidade de três a cinco vezes maior do que a indústria energética mun-

dial é capaz de produzir.

A Lua recebe mais de 13.000 terawatts de energia solar. “Apenas 1% dessa capacidade poderia suprir as demandas da Terra”, explica Criswell.

O sistema lunar elaborado por Criswell é baseado na construção de células (ou painéis) solares na superfície da Lua para coletar a energia do Sol.

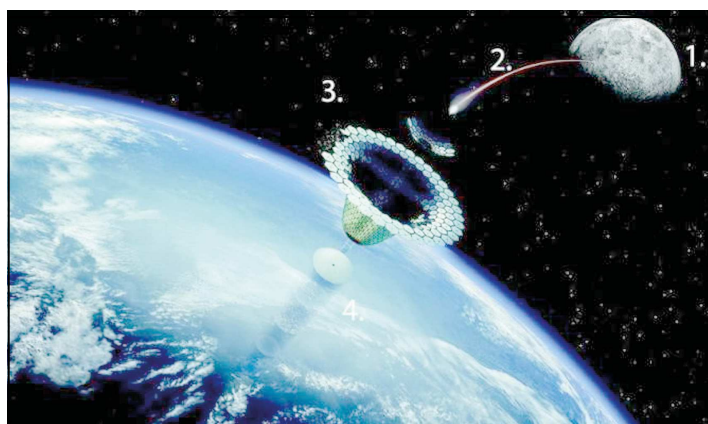
Os painéis seriam colocados nos dois lados da Lua, para que a energia emitida fosse constante. A Terra captaria essa energia, enviada por microondas, com a ajuda de receptores especiais.

Os painéis solares, assim como toda a aparelhagem envolvida no projeto, transformaria as ondas em energia necessária ao dia-a-dia, que abasteceria as diferentes centrais do mundo.

David Criswell garante que toda essa tecnologia não está a anos-luz de distância. “Sabemos que o aproveitamento da Lua é possível desde os anos 80. Mas a exploração comercial do satélite foi deixada de lado”, reclama.

Para ele, a ajuda de instituições como a NASA (agência espacial americana) e a ESA (agência espacial europeia) seriam fundamentais para o desenvolvimento do projeto.

“Não tenho nada contra com o fato de a NASA querer explorar Marte. Mas a Lua



é um corpo celeste muito mais conhecido e lucrativo hoje em dia para os habitantes da Terra”, afirma o cientista.

A criação dessas células na Lua, segundo ele, seria muito mais barata, por exemplo, do que a construção de uma usina nuclear ou hidrelétrica, pois usaria materiais existentes na superfície lunar e tecnologia já desenvolvida por cientistas para os painéis de energia solar convencionais.

A Lua recebe exatamente a mesma energia da Terra, pois os dois corpos estão à mesma distância do Sol. Só que a Terra tem uma atmosfera que a Lua não tem. Quando

os raios chegam aqui, eles estão filtrados e por isso vem muito enfraquecidos e sofrem a influência do tempo, dos ventos e da interação do Sol com o meio ambiente.

O fato de a Terra possuir uma atmosfera é o que possibilita a vida no planeta.

“Na Lua, não há atmosfera e os raios do Sol incidem em sua totalidade. Se conhecermos uma forma viável de transmitir esses raios ao planeta, eles serão muito mais constantes e eficientes, em qualquer parte do mundo, até em países frios e menos ensolarados”, explica Eduardo Barcelos.

Mariana Timóteo da Costa



MULHER, LUGAR A OCUPAR

Mulher, você é vida,
De seu seio nasce a vida,
Você é o milagre
Que não deixa
Da terra, a vida desaparecer.

Do mais nobre ao mais humilde,
Do mais rico ao mais pobre,
Do mais sábio ao mais ignorante,
Do mais espiritualista ao mais capi-
talista,
Em seu seio todos tiveram guardada.

No poder você ainda é esquecida,
Na política você está desaparecida,
No salário você está desmerecida,
Na igreja ainda pouco reconhecida,
Você ocupa o final de toda lista.

Mulher, se tudo isto não bastasse,
Você é olhada como objeto,
Para prazer do sexo e máquina
Para ser mulher abandonada,
Desrespeitada e assassinada,
Dia internacional da mulher,

Sua presença é percebida,
Seu valor é proclamado,
Os homens fingem-se de culpados,
Por deixa-la quase sempre de lado.

Mulher da vida tecelã,
Acorde, grite e rebelde,
Faça se impor pelo seu valor,
Construa uma nova liberdade,
De seu ventre crie a nova sociedade.

Vanin Martins



FÉ E CIDADANIA

Josué, o seguidor fiel.

Josué, sucessor de Moisés, teve como missão introduzir cada tribo em seu pedaço de terra, em seu próprio território, na terra que Deus prometera dar. Conseguiu que todas as tribos fossem a luta na conquista da terra de cada tribo. O ditado sagrado: todos por um, todos por cada tribo, tão diferente do ditado: cada um por si e Deus por todos.

As leis – 10 mandamentos tornaram-se o primeiro vínculo entre aquelas diferentes tribos. Aceitaram os 10 mandamentos como um novo modo de se relacionar. Respeito a Deus e respeito a cada um de seus irmãos. O grande respeito, a Deus e aos pais, é a base de toda harmonia e liberdade. Onde há este respeito não haverá infidelidade conjugal, roubos e/ou assassinatos. A dignidade da pessoa humana, como imagem e seme-



lhança de Deus, é a LEI MAIOR.

Em Josué ficou registrada a história de RAABE, a prostituta que se colocou

a serviço do povo de Israel, Jos 2; 6,22-25, colaborando para que eles tomassem posse da terra que ficava a leste do Rio

Jordão. E em Mateus 1,5-6, lemos que ela e, uma estrangeira RUTE tornaram-se parte da genealogia de Jesus: 5 Salmon, com Raab, foi o pai de Booz; Booz, com Rute, foi o pai de Jobed; Jobed foi o pai de Jessé; 6 Jessé foi o pai de Davi.

No povo de Deus não existe “sangue azul”. Todos, fiéis, pecadores, estrangeiros, prostitutas encontram o acolhimento para a construção de um mundo melhor. Jesus, confirmando esta prática disse ser preciso acreditar em todos, inclusive na prostituta, antes de jogar a primeira pedra (João 8,7).

Vejo aqui o respeito à dignidade da pessoa humana a todos da LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Ainda, com todo ensinamento de Jesus, muitas pessoas ainda continuam alimentando a homofobia.

José Vanin Martins

NÍVEIS DE GASES DO EFEITO ESTUFA NA ATMOSFERA ATINGEM NOVO RECORDE

O Boletim da WMO sobre Gases de Efeito Estufa mostrou que as concentrações globais médias de dióxido de carbono (CO₂) atingiram 405,5 partes por milhão (ppm) em 2017, acima dos 403,3 ppm em 2016 e 400,1 ppm em 2015. Concentrações de metano e óxido nitroso também aumentaram, enquanto houve um ressurgimento de um potente gás de efeito estufa e uma substância destruidora de ozônio chamada CFC-11, que é regulamentada por um acordo internacional para proteger a camada de ozônio.

Desde 1990, houve um aumento de 41% no forçamento

total de radiação – o efeito de aquecimento no clima – por gases de efeito estufa de longa duração. O CO₂ é responsável por cerca de 82% do aumento do forçamento radiativo na última década, de acordo com dados da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA, citado no Boletim da OMM.

“A ciência é clara. Sem cortes rápidos no CO₂ e outros gases do efeito estufa, as mudanças climáticas terão impactos cada vez mais destrutivos e irreversíveis sobre a vida na Terra. A janela de oportunidade para a ação está quase fechada”, disse o Secretário

Geral da OMM, Petteri Taalas.

“A última vez que a Terra experimentou uma concentração comparável de CO₂ foi de 3 a 5 milhões de anos atrás, quando a temperatura estava entre 2 e 3 °C mais quente e o nível do mar era de 10 a 20 metros mais alto do que agora”, disse Taalas.

O Boletim de Gases de Efeito Estufa da WMO informa sobre as concentrações atmosféricas de gases de efeito estufa. As emissões representam o que entra na atmosfera. As concentrações representam o que resta na atmosfera após o complexo sistema de interações entre a at-

mosfera, a biosfera, a litosfera, a criosfera e os oceanos. Cerca de um quarto do total de emissões é absorvido pelos oceanos e outro quarto pela biosfera.

Um Relatório de Lacunas de Emissões da UN Environment (UNEP), a ser divulgado em 27 de novembro, rastreia os compromissos de políticas assumidos pelos países para reduzir as emissões de gases do efeito estufa.

Os relatórios da OMM e do PNUMA são apresentados em cima das evidências científicas fornecidas pelo Relatório Especial sobre Aquecimento Global do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), de 1,5 °C. Dito isto, as emissões líquidas de CO₂ devem chegar a zero (a quantidade de CO₂ que entra na atmosfera deve ser igual à quantidade removida por sumidouros, naturais e tecnológicos) por volta de 2050 para manter os aumentos de temperatura abaixo de 1,5 °C. Mostrou como manter a temperatura abaixo de 2 °C reduziria os riscos para o bem-estar humano, os ecossistemas e o desenvolvimento sustentável.

“O CO₂ permanece na atmosfera por centenas de anos e nos oceanos por mais tempo. Atualmente, não há varinha mágica para remover todo o excesso de CO₂ da atmosfera”, disse a vice-

secretária-geral da OMM, Elena Manaenkova.

“Cada fração de um grau de aquecimento global é importante, assim como toda parte por milhão de gases de efeito estufa”, disse ela.

Juntos, os relatórios fornecem uma base científica para a tomada de decisões nas negociações sobre mudanças climáticas da ONU, que serão realizadas de 2 a 14 de dezembro em Katowice, na Polónia. O objetivo principal da reunião é adotar as diretrizes de implementação do Acordo de Mudança Climática de Paris, que visa manter o aumento da temperatura média global o mais próximo possível de 1,5 °C.

“O novo Relatório Especial sobre Aquecimento Global do IPCC, de 1,5 °C, mostra que reduções rápidas e profundas das emissões de dióxido de carbono e outros gases de efeito estufa serão necessárias em todos os setores da sociedade e da economia. O Boletim de Gases de Efeito Estufa da OMM, mostrando uma tendência crescente contínua nas concentrações de gases do efeito estufa, destaca quão urgentes são essas reduções de emissões”, disse o Presidente do IPCC, Hoesung Lee.

World Meteorological Organization (WMO)



MULHER SACERDOTE



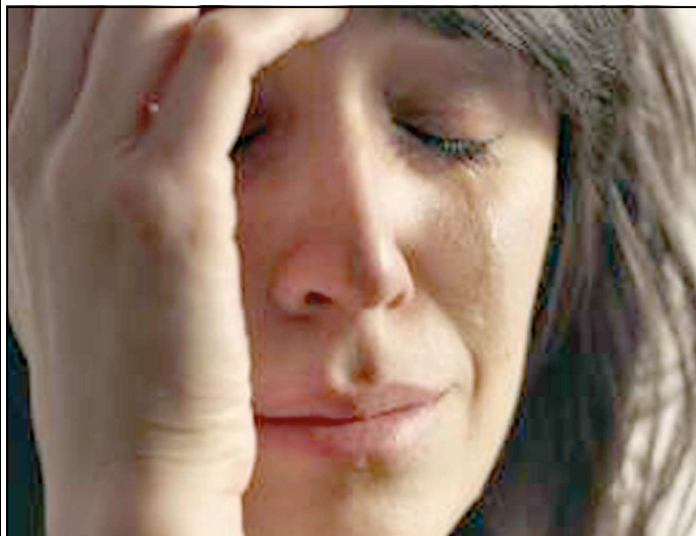
O batismo faz as mulheres representarem Jesus, o Cristo Messias, na mesma validade, dignidade e maneira do poder sacramental por terem a mesma natureza humana que os homens, no sacerdócio, pois não dependem do gênero, mas dos mesmos sacramentos, que fazem os homens e as mulheres iguais na redenção de toda a espécie humana criada em unidade, como

seres humanos iguais - uma vez que Deus é espírito puríssimo tanto para o homem quanto para a mulher, na graça divina de imagem e semelhança, no batismo e não no gênero do pecado posterior à criação - na analogia da fábula da serpente falante.

Como seria a vida no mundo sem as mulheres?

Paulo Barabasz

POR QUE NÃO COLOCAR UMA MULHER NA GESTÃO DA DIOCESE?



Os membros do recente Sínodo dos Bispos concordaram: “uma área de grande importância é a presença das mulheres nos órgãos eclesiais em todos os níveis, inclusive em posições de chefia, e a participação das mulheres nos processos de decisão eclesiais, respeitando o papel do ministério ordenado.”

O que fazer?

Que tal colocar as mulheres no comando de algumas dioceses?

Há dioceses no mundo todo sem bispos. E muitas religiosas competentes — chanceleres, ex-superiores gerais, líderes de órgãos católicos de caridade, por exemplo — que poderiam facilmente gerir a diocese enquanto a Congregação para os Bispos e o Papa decidem o que fazer mais adiante. Só nos Estados Unidos, há sete ou oito sécs vagas. Uma já dá o exemplo.

Quando o Arcebispo de Baltimore William Lori tornou-se administrador da Diocese de Wheeling-Charleston, West Virginia, ele nomeou Bryan Minor para o cargo de “delegado de assuntos administrativos”. Minor, um pai de família de 49 anos, casado e com quatro filhos, foi diretor de recursos humanos da diocese e liderou a fundação católica de West Virginia. Agora, ele gerencia todas as operações de Wheeling-Charleston relatando a Lori, que dá a última palavra em decisões importantes e supervisiona assuntos relacionados a sacramentos e clérigos.

O que está acontecendo em West Virginia não é o mesmo que acontece quando uma paróquia precisa de um líder e o bispo, seguindo o cânon 517 §2, julga “que a participação no exercício do cuidado pastoral da paróquia deva ser confiada a alguém que não é sacerdote (um diácono ou leigo)”. Mas é semelhante.

Somente um sacerdote pode ser administrador de uma diocese ou uma paróquia. Mas o cânon 517 § 2 permite que os coordenadores pastorais ou diretores paroquiais que supervisionam os esforços ministeriais e assuntos financeiros da paróquia contratem clérigos em caso de necessidade sacramental. Em algum lugar na diocese, há um pastor canônico, mas no melhor dos cenários, o responsável é o diácono ou o leigo.

Na última estimativa, considerando as cerca de 17.000 paróquias dos EUA, 3.500 não tem padres ou pastores residentes. Mas apenas 347 têm diretores paroquiais (em 2005 eram 553), principalmente porque algumas foram fechadas ou agrupadas.

Por quê? Existem pessoas devotas e competentes, com formação adequada, para assumirem a liderança. Por que não manter a pequena paróquia vibrante com um diácono ou um leigo na gestão da comunidade?

E por que não oferecer às dioceses (e à Igreja) o benefício e o caráter inspirador de ter os cuidados de uma mulher enquanto o Vaticano toma conta das nomeações episcopais e das questões burocráticas?

Há muita coisa acontecendo na Igreja para os bispos fecharem paróquias apenas por falta de sacerdotes para a gestão e para ignorar a chance de colocar uma mulher em um cargo importante de liderança, mesmo que temporariamente.

Nem todo mundo consegue gerir uma paróquia. Nem todo mundo consegue gerir uma diocese. Mas algo precisa ser feito para destacar que as mulheres também são líderes. O povo de Deus pergunta: Por que não? E pergunta muitas outras coisas. Quando não há respostas, quando desaparece a esperança por uma liderança e gestão responsável, as mulheres deixam a Igreja. E com ela também vão o marido e os filhos.

Se vai haver um grande esforço para salvar a barca furada de Pedro, é preciso envolver mais mulheres. Simples assim. Até mesmo o arcebispo de São Francisco Salvatore Cordileone relatou para a Conferência dos Bispos Católicos dos EUA que uma resposta comum à crise de abuso sexual é que isso não teria acontecido se as mulheres estivessem no comando.

O sínodo apoiou a presença das mulheres na liderança, mas reconheceu que isso só poderia acontecer caso fosse “implementado por meio de um trabalho de conversão cultural corajoso e uma mudança na prática pastoral”.

Coragem. Talvez seja isso o que a Igreja precisa.

Phyllis Zagano

DESIGUALDADE É A MAIOR EM SETE ANOS

O Índice de Gini do rendimento domiciliar per capita obtido do trabalho subiu de 0,6156 no terceiro trimestre de 2018 para 0,6259 no quarto trimestre do ano, o 16.º trimestre consecutivo de aumento. O Índice de Gini mede a desigualdade numa escala de 0 a 1 – quanto mais perto de 1, maior é a concentração de renda.

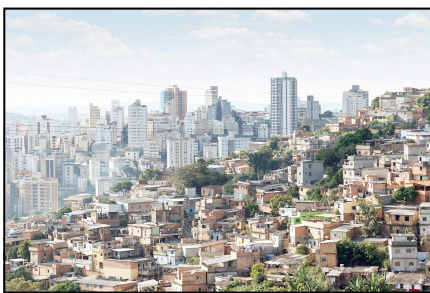
No quarto trimestre de 2018, o índice atingiu o maior patamar da série histórica iniciada no primeiro trimestre de 2012. Foi quando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) começou a ser apurada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo Daniel Duque, pesquisador do mercado de trabalho no Ibre/FGV, há algumas razões para a piora na desigualdade de renda. Entre elas, estão a dificuldade de trabalhadores menos qualificados aumentarem seus rendimentos e a dinâmica de reajustes do salário mínimo. “Na crise, a probabilidade de estar empregado e ter renda maior depende mais de o trabalhador ter qualificação. Além disso, o salário mínimo não tem ganhos reais desde 2015”, enumerou Duque, autor do levantamento.

“Houve também muita geração de ocupação informal, que tem menores salários. E há um desalento muito grande ainda.”

O salário mínimo não teve ganho real nos últimos anos por causa do encolhimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015 e 2016. Pela regra de reajuste criada ainda nos governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o reajuste do mínimo de um ano é a soma da inflação (medida pelo INPC) do ano anterior somada à variação do PIB de dois anos antes. Como em 2015 e 2016 o PIB teve variação negativa, o salário mínimo teve reajustes equivalentes apenas à inflação. A regra vale até este ano.

Embora, no ano passado, o número de



peças trabalhando tenha aumentado, a subutilização da força de trabalho segue elevada, lembrou Thiago Xavier, analista da Tendências Consultoria Integrada. São considerados “subutilizados” os trabalhadores à procura de emprego, os que não procuram uma vaga por acreditar que não encontrariam emprego ou os que estão ocupados, mas trabalhando menos horas do que poderiam ou gostariam, ganhando menos por isso.

“Precisa ter uma reação do mercado de trabalho (para reduzir a desigualdade)”, defendeu Xavier. “Precisa de geração de vagas formais, com salário médio maior, jornadas de trabalho que não fiquem aquém do desejado.”

Saída

O ex-bancário Carlos Cunha dos Santos Jr., de 45 anos, e a vendedora Viviane Almeida, de 46 anos, trabalham juntos há seis meses numa carrocinha de suco de laranja, no Centro do Rio. Viviane é gaúcha, está radicada no Rio há sete anos e já trabalhou como cabeleireira e balconista. “Está difícil conseguir emprego, e trabalhar na rua foi uma forma que arrumei para me manter”, disse Viviane.

Segundo Santos Jr., o negócio está dando certo, mas eles estão apreensivos em relação à demanda nos meses de menor calor. Com a carrocinha de suco, a dupla tem conseguido tirar cerca de R\$ 4 mil a R\$ 5 mil por mês para dividir.

Daniela Amorim e Vinicius Neder



Falecimentos

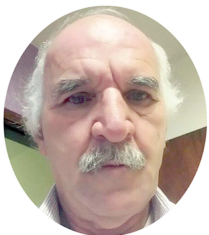
Hermínio Michelli



Nosso irmão Hermínio Michelli, italiano, fez a Páscoa definitiva, dia 09-03-2019. Membro do MFPC, ele combateu o bom combate e perseverou na Fé junto de sua esposa Paula Salete, casado há 40 anos. Exerceu o ministério por 7 anos. Estamos enlutados, mas confiantes e na esperança que nosso irmão já recebe o carinho do Pai Celeste.

Edson e Lúcia

Luiz Antônio Callegaro



Com tristeza venho informar o falecimento, no dia 17.02.2019, de um aneurisma cerebral, do colega itateano Luiz Antônio Callegaro, aos 70 anos de idade. Era de São Paulo. Eu me encontrava com ele por 1 dia em vários encontros anuais em que participávamos em São Paulo.

Almir

O conhecido historiador francês, Frédéric Lenoir, soube formular uma realidade que dá motivos para pensar a fundo. Que futuro espera a Igreja? É um fato que a religião está em crise. Isso significa que a Igreja também está? Muito cuidado ao responder esta questão! Que a coisa não está tão clara, quando se pensa a sério e sem medos.

Diz historiador Lenoir: “Os homens de Igreja, deslumbrados com o êxito de sua religião, apegarão-se ao poder” (El Cristo filósofo, 2009, pág. 20). Contudo, isto levou os homens de Igreja a ver a realidade como realmente não foi, nem é.

“A Inquisição foi abolida no século XVIII, mas por quê? Porventura porque a Instituição tomou consciência de seu abominável comportamento e decidiu reparar? Não. Simplesmente porque já não tinha os meios que a vontade de dominação requeria (na Espanha tivemos Inquisição até o s. XIX, com Fernando VII). Porque a separação da Igreja e Estado privou (a Igreja) do “braço secular” em que se apoiava para tirar a vida dos hereges. Porque os humanistas do Renascimento e os filósofos ilustrados tinham conseguido instaurar a liberdade de consciência como um direito fundamental de todo ser humano.”

Hoje, estas ideias se impõem a todos (ou à imensa maioria) no Ocidente, crentes e não crentes. Não foram implantadas através da Igreja, mas, sim (em muitos casos), contra a Igreja... O grande paradoxo, a ironia suprema da história é que o surgimento moderno da laicidade, os direitos humanos, a liberdade de consciência, tudo o

QUE FUTURO ESPERA A IGREJA?



que surgiu nos séculos XVI, XVII e XVIII contra a vontade dos clérigos, produziu-se através do recurso implícito e explícito à mensagem original do Evangelho... que não chegou aos homens pela porta da Igreja, mas pela janela do humanismo do Renascimento e a Ilustração (o. c., p. 21).

Eu sei que a tudo isto poderão (e deverão) ser feitas as ponderações que forem necessárias. Mas, em todo caso, andemos com cuidado. Podemos nos deparar com surpresas que não imaginamos. Em pleno s. XX, o Papa Pio X disse, na encíclica “Vehementer Nos” (ASS, n. 19, págs. 8-9):

“Somente na Hierarquia residem o direito e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros para o fim da sociedade. Em relação à multidão,

não tem outro direito que o de se deixar conduzir e, docilmente, seguir seus pastores”.

O que está afundando a religião sustentadora e promotora destes disparates? No que diz respeito aos disparates, o quanto antes afundarem, melhor. Mas, então, o que ficará em pé? Ou melhor, que futuro espera a nós que continuamos pensando que resta uma luz de esperança na Igreja?

Minha resposta, no momento, é esta: se os Evangelhos não mentem, é um fato que Jesus, o Senhor, enfrentou o Templo, os sacerdotes, os mestres da Lei, as observâncias religiosas que se antepunham à cura dos doentes e que desprezavam os estrangeiros e os pecadores... Jesus enfrentou, além disso, os observantes (fariseus) que se viam superiores às

peçoas comuns. Tudo isto supõe que a religião está afundando? Se for por isso, eu não me sinto pessimista.

Que necessitamos do Evangelho? Minha convicção é que agora é o momento em que mais necessitamos dele. Por isso, eu vejo agora o futuro da Igreja mais esperançoso do que nunca. Porque está afundando o que Jesus disse que precisava acabar: “Aproxima-se a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4, 23). O que nos fica então? Exatamente o mesmo que Jesus disse em seu mandato final: “Amem uns aos outros, assim como eu amei vocês. Nisto se conhecerá que vocês são meus discípulos” (Jo 13, 14-15).

José María Castillo

O PAPEL DOS LEIGOS E A RELAÇÃO COM O CLERO NA IGREJA HOJE

Este período-chave na história de 2.000 anos da Igreja abrange muito mais do que o pontificado do Papa Gregório VII (1073-1085).

Em uma entrevista à revista alemã Vatican Magazin, o cardeal Walter Brandmüller, um dos quatro cardeais que assinaram as “dúbia” contestando as conclusões do Papa Francisco sobre a família, escreveu recentemente que a atual situação na Igreja é “comparável à dos séculos XI e XII”.

Ele explica que o poder eclesiástico era ocupado então por um pequeno grupo de leigos ricos e poderosos, que permitiram que uma moral dissoluta se espalhasse entre o clero, dificultando que a Igreja pregasse genuinamente o Evangelho.

Com efeito, houve duas práticas que tiveram um grande impacto sobre o poder da Igreja, a



saber, a simonia e o nicolaísmo, ambas proibidas durante o reinado do Papa Leão IX (1049-1054).

A simonia refere-se a ser capaz de comprar cargos eclesiásticos ou sacramentos, enquanto o nicolaísmo refere-se ao casamento ou ao concubinato de padres, que era autorizado fora das grandes ordens durante toda a primei-

ra parte da Idade Média.

Essas duas práticas acabaram levando à concentração de grande poder nas mãos dos leigos. De um lado, os padres que se casavam levavam ao nascimento de herdeiros, que depois reivindicavam sua herança a partir da propriedade de seu pai.

Por outro lado, a simonia permitiu que famílias ricas

comprassem um certo número de altos cargos eclesiásticos e, assim, exercessem uma influência sobre a Igreja.

“A questão do papel dos leigos na Igreja, de fato, é o denominador comum dos séculos XI e XXI”, disse a professora de história medieval Valérie Theis.

Isso porque, embora a Igreja tenha banido o casamento clerical, isso foi feito principalmente para eliminar os leigos das posições de poder na Igreja, e não por preocupações morais.

A supressão do nicolaísmo e a decisão do Papa Gregório de aplicar essa decisão estritamente também demoraram um certo tempo para serem implementadas e levaram a uma forte resistência.

“Em Paris, o clero declarou que as ordens do papa eram abusadas, e que o povo não podia cumpri-las”, disse Theis,

confirmando que a Reforma Gregoriana foi uma revolução genuína e dolorosa.

Experimentamos agora uma Contrarreforma Gregoriana no pontificado do Papa Francisco?

“É verdade que, ao falar do clericalismo como um mal na Igreja, o papa está desafiando uma forma de governo que tem sido imposta na Igreja há 1.000 anos, em outras palavras, como uma instituição dirigida pelo clero”, argumenta Theis.

A Reforma Gregoriana ilustra a grande flexibilidade da Igreja em entender como manter sua influência. “Durante a Idade Média, a Igreja nunca parou de se reinventar e de mudar as regras para se adaptar à realidade social”, disse.

“Foi isso que sempre lhe deu força, mas é o que parece estar faltando hoje”, concluiu Theis.

Julien Tranié

XXII Encontro Nacional - Preços

TEMA: AMAZÔNIA: NOVAS ESPERANÇAS PARA UMA IGREJA RENOVADA E A CONTRIBUIÇÃO DO MPFC
 INSCRIÇÃO PARA O ENCONTRO NACIONAL: 65,00 (com direito a camisa)
 LOCAL: CENTRO DE CAPACITAÇÃO LAURA VICUÑA - CASA MORNESE
 MANAUS

ORÇAMENTO

1º Opção entra dia 02/07/2019 - saída dia 08/07/2019

HOSPEDAGEM						
Quartos	Quantidade de quartos	Valor da diária por quarto	Entrada	Saída	Quantidade de diárias	V. total
Duplo com duas camas de solteiro	4	100,00	2/07	08/07	6	600,00
CASAL	5	100,00	2/07	08/07	6	600,00
Individual com uma cama de solteiro e um armador de rede	45	100,00	02/07	08/07	6	600,00

Observação: Nessa opção não será servida alimentação nos dias 02 e 08

2º Opção entra dia 03/07/2019 - saída dia 07/07/2019

HOSPEDAGEM						
Quartos	Quantidade de quartos	Valor da diária por quarto	Entrada	Saída	Quantidade de diárias	V. total
Duplo com duas camas de solteiro	4	100,00	3/07	07/07	04	400,00
CASAL	5	100,00	3/07	07/07	04	400,00
Individual com uma cama de solteiro e um armador de rede	45	100,00	3/07	07/07	04	400,00

Observação: No caso dos quartos de solteiro com uma cama e um armador de rede, podem ficar duas pessoas e cada uma paga 50,00 pela hospedagem. (É possível substituir a rede por colchão)

ALIMENTAÇÃO

ITEM	Dias	Quantidade	Valor Unitário Por pessoa	Valor total por pessoa
Café	04 a 07/07/2019	4	10,00	40,00
Almoço	04 e 07/07/2019	4	20,00	80,00
Lanche da tarde	04 a 06/07/2019	3	10,00	30,00
Jantar	03, 04 e 06/07/2019	3	20,00	60,00

SERÁ QUE O BRASIL ENCOLHEU?



Pessoas com influência nas políticas ambientais federais vêm espalhando que o Brasil protege tanto suas florestas que ficou inviável expandir a produção de alimentos. Até o ministro do Meio Ambiente já caiu nessa: no discurso preparado para sua apresentação na assembleia da ONU Meio Ambiente, em Nairóbi, Ricardo Salles disse que o país é o que tem a maior área protegida do mundo.

A gente até poderia responder que não há futuro para a agricultura sem a conservação das florestas, dos solos e da água, ou mesmo relembrar que somos o país que mais desmata e extingue espécies ameaçadas, além de possuir 50 milhões de hectares de terras degradadas, subutilizadas ou aban-

donadas pelo agronegócio. Mas é tanta desinformação que resolvemos desenhar pra deixar tudo explicadinho.

Hoje o país tem mais áreas destinadas à agropecuária (245 milhões de hectares) do que áreas protegidas (216 milhões de hectares). O Brasil tem espaço de sobra para proteger o clima, conservar sua diversidade e comunidades, e ainda se tornar o maior produtor de alimentos, fibras e bioenergia do mundo. Basta ampliarmos as técnicas de produtividade em todo país para expandir a atual produção de alimentos sem nenhum desmatamento. Pra isso, precisamos apenas usar nosso território com inteligência.

Observatório do Clima

10 MANDAMENTOS DE AMOR À PESSOA IDOSA



1. Deixe-a falar
2. Deixe-a vencer nas discussões
3. Deixe-a visitar seus velhos amigos
4. Deixe-a contar histórias demoradas
5. Deixe-a viver entre as coisas que amou
6. Deixe-a reclamar, mesmo quando está sem razão
7. Deixe-a viajar em teu carro
8. Deixe-a envelhecer com o paciente afeto
9. Deixe-a rezar onde e como queira
10. Deixe-a morrer

Frade carmelita italiano

O SACERDÓCIO DAS MULHERES

O batismo faz as mulheres representarem Jesus, o Cristo Messias, na mesma validade, dignidade e maneira do poder sacramental por terem a mesma natureza humana que os homens, no sacerdócio, pois não dependem do gênero, mas dos mesmos sacramentos, que fazem os homens e as mulheres iguais na redenção de toda a espécie humana criada em unidade, como seres humanos iguais - uma vez que Deus é espírito puríssimo tanto para o homem



quanto para a mulher, na graça divina de imagem e semelhança, no batismo e não no gênero do pecado posterior à criação - na analogia da fábula da serpente falante.

Como seria a vida no mundo sem as mulheres?

Paulo Barabaz

Humor

CASTIGO DE DEUS



Joãozinho estava no quintal da sua casa com uma agulha na mão a tentar matar formigas. Ele espetava e falava: - Errei porra...

E, a toda hora ele falava assim, até que passou um padre e disse-lhe:

- pare de tentar matar as formigas elas são criaturas de Deus.

Mas Joãozinho continua: - Errei porra, errei porra...

O padre indignado insiste: - Matar e falar palavrões, Deus pode te castigar.

Joãozinho ignora o padre e continua: - Errei porra, errei porra

Nisto cai um raio na cabeça do padre e ele cai.

Uma voz lá em cima diz:

- ERREI PORRA!!!